

Capitéis romanos do Museu Nacional de Arqueologia¹

Lídia Fernandes*

Resumo

São estudados 18 capitéis romanos que se encontram em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, provenientes da Lusitânia, numa área compreendida entre as duas principais redes viárias que ligam Lisboa e Mérida, a capital da Província. Os capitéis seleccionados apresentam características e modelos estilísticos em voga. São, na sua essência, a tradução de um gosto provincial que recria novos ideais artísticos, sem perder, contudo, as suas características romanas.

Abstract

We study in this paper 18 capitals housed in the National Museum of Archaeology. They were selected according to a geographical criteria: the area concerning the two main roads of the Lusitania wich linked Lisbon to the Province's capital - Mérida (central zone of Lusitania now included in the portuguese territory).

The capitals selected, as a final work, express stylistic flows and the fashion in vogue. They are, in their substance, the translation of a provincial taste that rebuilds new artistical ideals within their own elements but they don't loose, however, their roman features.

¹ Ao Professor Doutor João M. Bairrão Oleiro, ao Homem, ao Mestre, ao Amigo. Um profundo e eterno obrigada.

* Arqueóloga da Câmara Municipal de Lisboa – Museu da Cidade. Mestre em História de Arte.

1. Introdução

O texto que apresentamos resulta, em parte, da elaboração da Tese de Mestrado de História de Arte apresentada em 1997 à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (Fernandes, 1997).

O trabalho então realizado, subordinado ao tema Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental, permitiu reunir 119 exemplares de uma área geográfica que compreende parte da Estremadura e do Alto Alentejo. Incluiu-se, nessa recolha, os exemplares que se encontravam depositados no Museu Nacional de Arqueologia, independentemente da ausência da indicação de proveniência de alguns dos exemplares.

Não abrange este estudo, porém, os capitéis com indicação precisa de outros locais não incluídos na área geográfica acima referida, como será o caso de capitéis de Milreu, já objecto de publicação anterior pelo próprio Museu, ou de outras peças provenientes de Beja ou de Idanha-a-Velha. Igualmente não foram integrados neste estudo pequenos fragmentos de capitéis, devido à dificuldade de estudo que suscitam. Obtivemos, deste modo, um total de dezoito exemplares, que procuraremos analisar de forma mais detalhada.

Apesar de se constituir como um estudo parcelar, pretende-se demonstrar que este tipo de peças valem também por si, ainda que descontextualizadas, a maior parte das vezes, do seu local de origem. Apesar de, cronologicamente, ser sempre difícil uma atribuição concreta, a morfologia e a decoração destas peças permite a obtenção de apontamentos cronológicos com um maior ou menor rigor. O facto de este tipo de estudos não ser frequente em Portugal deve-se, exclusivamente e a nosso ver, a um desconhecimento das potencialidades informativas que estas peças nos podem fornecer.

2. As ordens arquitectónicas representadas

Como já referimos, são 18 os exemplares agora apresentados. Três peças encontram-se depositadas no jardim não possuindo qualquer indicação quanto ao local de origem e integrando-se no que designamos como "capitéis jónicos

lisos de influência toscana”, termo que explicitaremos quando analisarmos os exemplares.

As ordens arquitectónicas representadas são em número de seis, se incluirmos as derivações das ordens canónicas. Temos, deste modo, e como poderemos observar no quadro que se segue, uma preponderância significativa dos capitéis de folhas lisas e, a seguir, dos capitéis corintizantes.

QUADRO 1

Ordens arquitectónicas representadas (e variantes)
Tipos de capitéis (unidades)

Dóricos	Jónicos lisos de influência Toscana	Jónicos	Folhas lisas	Corintizantes	Compósitos
1	3	2	5	4 ²	1

3. Proveniência dos exemplares

Como já referimos, são muito poucas as referências que os capitéis possuem. Quer nos livros antigos de inventário quer nas etiquetas que alguns deles ainda mantêm, pode-se, por vezes, obter alguma pista que, através de pesquisa documental, nos permita obter mais alguma informação. A maior parte das vezes, no entanto, tais diligências são infrutíferas.

No que diz respeito aos exemplares que apresentamos, nove de entre eles não possuem qualquer indicação. Os restantes possuem indicações mais ou menos vagas quanto à sua proveniência. Apesar de estas informações serem da maior importância, o estudo que elaboramos pretende ser igual para todos os exemplares. Ou seja, não se parte da cronologia ou contexto histórico-arqueológico da peça mas antes essas informações entram em paralelo com as que as próprias peças nos dão, constituindo-se como uma informação subsidiária de igual valor.

Saliente-se, como aliás seria de esperar, a maior incidência de materiais provenientes da região de Lisboa, dada a localização na capital do antigo Museu Arqueológico e Etnográfico de Lisboa.

² Na verdade são cinco exemplares, no entanto, dois deles pertencem à mesma peça.

QUADRO 2

Localização dos capitéis

N.º	Sem proveniência	Alentejo	Arredores de Lisboa	Odrinhas	Rua das canastras (Lisboa)
1	*				
2	*				
3	*				
4	*				
5					*
6			*		
7			*		
8			*		
9	*				
10		*			
11	*				
12	*				
13				*	
14				*	
15				*	
16	*				
17			*		
18	*				
TOTAL	9	1	4	3	1

4. Análise comparativa

4.1. Capitéis dóricos

4.1.1. Capitel dórico n.º 1

O designarmos este exemplar como pertencente à ordem dórica relaciona-se essencialmente com a sua morfologia mais do que com qualquer contexto cultural que se prenda directamente com a civilização que deu corpo a essa ordem arquitectónica.

O equino é extremamente reduzido em termos de altura assemelhando-se a uma moldura alta. Este elemento é sobreposto por um ábaco, também não muito alto, liso e de formato quadrado. Por baixo do equino uma pequena moldura, ligeiramente mais reentrante, estabelece a ligação com o *hypotrachelio*, o qual, descrevendo uma linha oblíqua quanto ao seu perfil finaliza, na base, com um diâmetro inferior à dimensão do lado do ábaco.

Sendo tão simples, este exemplar documenta-nos, antes de mais, a função estrutural do capitel, traduzida no elemento de ligação entre uma parte do edifício –horizontal– com a restante composição –vertical– representada pelos fustes.

É extremamente difícil, dadas as particularidades tão elementares do perfil encontrar paralelos com peças análogas. Capitéis toscanos peninsulares com equino estreito encontramos em peças provenientes de Jerez de la Frontera (Cádiz) e de Ampúrias (Gerona), ambas datadas de época tardo-republicana ou augustana (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 17-18: n.º 1; p. 18: n.º 2). Também do Norte de África, concretamente em Gighli (Tunísia), encontramos uma peça com um equino muito pequeno, correspondendo ao que Lézine designa como “hipertrofia do equino” (Lézine, 1955, p. 20) e integrando-se num grupo de exemplares, como as de Acholla (Ras Bou Tria), onde as soluções adoptadas quanto ao perfil deste elemento são muito diversas entre si, mesmo tratando-se de capitéis pertencentes a um mesmo edifício.

Se procurássemos integrar este exemplar na tipologia de Broise (1969, p. 16), ainda que esta referente aos capitéis toscanos, talvez o Grupo C fosse o mais próximo, ainda que existam diferenças substanciais uma vez que este tipo de perfil – caracterizado por apresentar uma moldura côncava em substituição do equino – raramente aparece sozinho aliando-se, a maior parte das vezes, a uma ou várias molduras que enriquecem o seu perfil. As particularidades definidas pelo autor em relação à “ordem” toscana em território correspondente ao Norte da Gália, leva-o a considerar a existência de uma “ordem provincial” onde as peças, longe de seguirem os modelos tidos por padrão antes os reelaboram oferecendo uma combinação de molduras e uma morfologia própria quanto aos respectivos elementos constituintes.

Não pretendemos integrar esta peça em qualquer ordem dórica/toscana provincial, antes gostaríamos de sublinhar o facto de, na maior parte das vezes, peças tão simples quanto esta corresponderem a soluções pontuais que não seguem qualquer modelo ou padrão e que, por tal facto, se nos deparam anacrónicas.

Repetimos, mais uma vez, a dificuldade de uma atribuição cronológica, mais vincada, no caso vertente, pela ausência de qualquer contexto histórico. Não obstante tais condicionantes, a relativa qualidade da peça, bem como o paralelismo que poderemos estabelecer com um exemplar muito próximo proveniente de Loures, permite-nos apontar uma datação que não andarão longe do séc. I ou, provavelmente, II (Fernandes, 1998, p. 93-106). Não obstante, esta peça poderá corresponder a uma reelaboração do capitel toscano que adopta formas pontuais.

4.2. *Capitéis jónicos lisos de influência toscana*

Antes de mais gostaríamos de explicitar o termo “capitel jónico liso de influência toscana”. É relativamente frequente o emprego do termo “jónico liso” em capitéis jónicos que não apresentam qualquer outra decoração que não a morfologia básica da estrutura da peça. Ou seja, um capitel deste tipo terá, à semelhança do jónico normal, um ábaco, um equino, dois *puluini* laterais, um colarinho ou ainda parte do sumoscapo da coluna. Por tal composição estrutural é legítimo designar por jónicas peças que possuam estes elementos constituintes. A separação estabelece-se quando passamos à decoração ornamental. Assim, se em relação ao capitel jónico encontramos praticamente todas as superfícies da peça decoradas com os motivos habituais deste tipo de capitel,

como podemos observar nos dois capitéis jónicos que apresentamos neste trabalho, o que definirá o tipo “jónico liso” será, precisamente, a ausência desses mesmos motivos.

Analisemos agora o porquê do emprego, ao mesmo tempo, da designação de toscano quando, à partida, a morfologia do capitel desta ordem se nos depara tão distinta da jónica. Assistimos, nestas peças, a uma sucessão de partes constituintes compostas por ábaco, equino, *hypotrachelio* e sumoscapo, elementos que estão presentes nos capitéis toscanos. No que diz respeito às faces laterais, estas são decoradas por *pułuini* lisos onde não é sequer assinalado o fuso central, funcionando pois como toros, perfeitamente rectos e que, frontalmente, se resolvem em dois discos lisos e planos que delimitam o *kyma* central.

O termo que optámos tem, assim, uma significação antes de mais morfológica. A grande dificuldade de denominação destas peças prende-se com o facto de este tipo de capitel não estar documentado, uma vez que tem sido entendido na bibliografia especializada como pertencente à ordem jónica constituindo-se como uma sua degenerescência e sendo, por tal facto, considerada como ocorrendo em peças muito tardias.

Com efeito, a simplificação destes exemplares, tem sido entendida como uma reelaboração posterior de peças que tomam como modelo o jónico canónico. A classificação que Gutierrez Behemerid estabelece para três exemplares emeritenses de idêntica morfologia e a atribuição cronológica que é apontada pela autora, o séc. IV (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 17-18: n.º 1; p. 18: n.º 2), são testemunho das considerações genéricas que se fazem deste tipo de capitel entendendo-o como peças tardias degeneradas.

O estudo que elaborámos em 1997, recaindo sobre um conjunto substancial de peças deste tipo, mais de duas dezenas, leva-nos a colocar a hipótese de estarem relacionadas com um fundo indígena, reelaborando a tipologia do capitel toscano que, certamente, lhes era próxima e mais familiar, o que nos é atestado pela dispersão do capitel toscano no actual território nacional³.

Quanto a uma atribuição cronológica e tendo por base os capitéis que estudámos no trabalho acima referido, sendo de salientar os capitéis deste tipo da cidade romana de *Ammaia* (actualmente S. Salvador de Aramenha), poderemos relacionar estas peças com o primeiro momento urbanizador do séc. I.

4.2.1. Capitéis n.ºs 2, 3 e 4

Desconhecemos qual a proveniência destes exemplares. A superfície encontra-se muito desgastada para o que contribui o material em que são elaborados, o granito de grão grosso.

³ Atestamos a existência de capitéis toscanos em: Barcelos, Braga, Marco de Canavezes, Vila Nova de Foz Côa, Freixo de Numão, Vila Meã (Viseu), Lourosa, Bobadela (Coimbra), Colmeal da Torre (Belmonte), Quinta da Fórnea (Belmonte), Conímbriga, Idanha-a-Velha, Mação; *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha), Herdade do Carvalhal (Abrantes), Alter do Chão, Cousabela (Abrantes), Montemor-o-Novo (Fernandes, 1997, vol. I, p. 283 e 285).

Quanto aos aspectos morfológicos destes exemplares, ou seja as diversas dimensões (em cm) que as partes constituintes possuem podemos visualizar o seguinte quadro:

QUADRO 3

Dimensões (em cm) dos aspectos morfológicos dos capitéis

	Altura Ábaco	Altura Equino	Diâmetro Toros	Altura <i>Hypotrachelio</i>	Altura Sumoscapo
2	9	7	6,5	9	10
3	8	8	8	13,5	15,5
4	10	11	11	12	10

A dimensão mais variável entre os três exemplares é a do sumoscapo o que se compreende na medida em que esta parte da peça pode ser considerada como fazendo já parte do fuste da coluna. As medidas mais constantes são as do ábaco e equino.

A enorme dificuldade em encontrar paralelos leva-nos a estabelecer comparações essencialmente com capitéis toscanos. Assim, e partindo do perfil destes exemplares, podemos apontar paralelos com um capitel proveniente de Tarragona (zona das Ramblas) com uma cronologia dos finais do séc. I a.C ou já da época de Augusto e classificado por Javier Gimeno como “canónico avançado” (Javier Gimeno, 1989, p. 117-118, fig. 10). Quanto à sua morfologia diz-nos o autor que o facto de estarmos em presença de um “...hipotraquelio em cavetto de importante desarrollo” corresponderá a uma forma de conseguir um aumento da peça em altura. O sumoscapo desta peça de Tarragona é também ele alto e liso e ligeiramente retraído em relação ao elemento superior, tal como encontramos nos nossos exemplares. A principal diferença consiste na morfologia do equino que, na peça tarraconense, apresenta um perfil elíptico.

Uma outra peça de Ampúrias, de cronologia idêntica, oferece características muito semelhantes (Javier Gimeno, 1989, p. 119-120 e fig. 11). Paralelos quanto à morfologia do equino – em toro ou quarto de círculo (Lézine, 1955, p. 14-15 e pl. 1-1, 2 e 4) – podemos encontrar em peças norte africanas, como as de Thuburbo Majus ou de Bulla Regia. Ainda que o autor que as analisa não refira uma cronologia concreta para estas, inclui-as numa atribuição recuada. Esta morfologia do equino é igualmente a mais comum em peças tunisinas, o que pode denotar uma filiação no desenvolvimento que o capitel dórico sofreu durante a época helenística. No entanto, mais que um contributo helenístico haverá que ver nestas formas, sobretudo no que diz respeito ao equino em forma de toro, um contributo itálico mais forte. A cronologia geral que o autor atribui à generalidade das peças que estuda, independentemente da morfologia adoptada por cada um dos elementos constituintes, é a dos finais do séc. I a.C.

A forma do equino em quarto de círculo pode ser aproximado ao Tipo A da tipologia de Broise (1969, p. 17), sobre a qual o autor refere que é característica do capitel toscano clássico. No que respeita ao perfil em toro este pode ser enquadrado na forma BC de Broise, a qual alia a essa morfologia uma mol-

dura côncava situada na parte inferior do equino e separada dele por um listel directo. Esta forma regista-se na região gaulesa que o autor estuda, definindo o que designa como "ordre toscan provincial", ainda que não corresponda, no entanto, à forma mais vulgar. A influência mais directa parece dever-se ao fundo itálico antigo, mais que a uma influência directa de tradição helenística. Encontramos peças muito semelhantes também em Mérida, Sagunto e Numância, todas do séc. I. (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 19, n.ºs 25, 20, 23).

Deste modo, e essencialmente com base nas cronologias propostas pelos exemplares toscanos, uma vez que, dada a inexistência de paralelos morfológicos para estas peças, pensamos serem estes aqueles que mais informações nos podem fornecer, apontamos uma datação generalista do séc. I.

4.3. *Capitéis jónicos*

4.3.1. Capitel n.º 5

Trata-se de uma peça de pequenas dimensões, mas em relativo bom estado de conservação, essencialmente no que diz respeito aos pormenores decorativos, pelo que é fácil analisar detalhadamente os seus diversos elementos devido ao pronunciado relevo que apresentam.

Uma das características mais marcantes neste exemplar corresponde ao facto de não apresentar ábaco. O equino e a parte superior das volutas terminam a peça superiormente, não apresentando esta nem ábaco, filete ou colarinho que a ligasse ao elemento arquitectónico que se lhe sobrepunha⁴. Em vez disso a peça possui um plinto quadrangular, mais reentrante do que o diâmetro superior do equino, razão pela qual não seria visível. Tratar-se-á de uma forma de prensão que teria a sua resolução num elemento idêntico em negativo, no qual encaixaria⁵.

O ábaco torna-se um elemento que, abandonando progressivamente uma função compositiva na definição da ordem arquitectónica a que pertence, se afasta, de igual modo, do seu papel de elemento estrutural. De facto, adoptando inicialmente uma dupla função de concentração e de redistribuição de forças, esse papel será paulatinamente abandonado à medida que a própria estrutura do capitel se altera⁶. Não é, pois, de estranhar que o ábaco passe a

⁴ Podemos dizer, como caracteriza Lézine (1968, p. 159), que o equino se inicia directamente no plano de entrega. O autor emprega a expressão "lit d'attente".

⁵ Tal forma de prensão é tão simples e natural que não há, em boa verdade, que lhe procurar origens exógenas. Tal solução encontramos-la igualmente em variadíssimos elementos, não só de época romana como também em épocas anteriores ou mais próximas. Os frisos ou placas decorativas, por exemplo, recorrem frequentemente a este sistema de prensão, assim como os tambores de colunas.

⁶ O objectivo original, e o qual transforma o ábaco num elemento estrutural importante dentro da ordem arquitectónica, prende-se com o facto de, como elemento plano e maciço, e com dimensões que ultrapassam geralmente a parte restante do capitel, funcionar como local de descarga das forças exercidas pela arquivada e entablamento. A concentração no ábaco dessas pressões seria, por sua vez, progressivamente transmitida para planos cada vez mais reduzidos até atingirem o fuste. Desta forma, a descarga estrutural não seria, repentinamente, transmitida para um

estar ausente em algumas peças. Essa ausência, no entanto, poderá corresponder a uma reelaboração mais tardia que, afastada dos modelos originais, cria peças distintas quer quanto à sua linguagem decorativa, quer no que diz respeito à sua própria estrutura⁷. A ausência do ábaco não é pois definidor por si de uma cronologia, tal como o confirmam alguns exemplares de Córdova, datados desde a segunda metade do séc. II até ao séc. III/IV (Carlos Marquez, 1993)⁸, onde o ábaco se encontra ausente, tendo sido substituído por um plinto quadrado. Outras duas peças, uma de Málaga e outra de Ampúrias, confirmam bem a ausência de uma relação causal entre plinto e respectiva cronologia. De facto, se o primeiro é datável dos sécs. II/III, o segundo exemplar corresponderá a uma datação augustana (Gutierrez Behemerid, 1992)⁹.

Mas analisemos antes de mais a restante composição. O capitel em presença integra-se no que se designa por “capitel canónico”¹⁰. Temos, deste modo, duas faces frontais e duas outras laterais caracterizadas por possuírem dois *puluini* com igual decoração.

A face frontal apresenta-se decorada com um *kyma* jónico de três semi-óvulos apontados inferiormente e delimitados por grossas molduras de carácter rígido e geométrico, que devem o seu aspecto a uma relevação acentuada. O *kyma* de três óvulos é a decoração mais comum dos capitéis jónicos a qual se torna frequente a partir de época júlio-cláudia (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 55), preferindo as frentes decoradas quer com cinco óvulos, quer somente com um.

A forma que o equino adopta varia de igual modo. No nosso exemplar temos um equino com uma curvatura marcada, ainda que não de forma exagerada. A altura que este elemento atinge, ultrapassando largamente a metade das volutas laterais, permite integrá-lo no tipo B de Herrmann (1988, p. 22)¹¹. O óvulo central marca o eixo da peça dispondo-se, os dois outros óvulos, de cada lado do motivo central, acompanhando a curvatura do equino. A termina-

plano vertical. Esta solução somente se justifica se, de facto, o ábaco ultrapassar em dimensões a parte restante da peça. O que se verifica, no entanto, é que cada vez mais o ábaco passa a adoptar as mesmas dimensões da zona à qual se sobrepõe, passando a assumir essencialmente um papel decorativo.

⁷ Vejam-se, por exemplo, os capitéis jónicos da Argélia que Benseddik classifica como “jónico africano” devido às suas características específicas (Benseddik, 1990, p. 737 -751), concretamente fig. 1 e 2 correspondentes a exemplares datáveis do séc. IV e V.

⁸ Concretamente a peça n.º 23 e n.º 29. A primeira datada da segunda metade do séc. II e a última, mais tardia, do séc. III/IV. O autor considera, no entanto, quando faz a descrição de cada um dos exemplares (respectivamente p. 28 e p. 30/31), que o ábaco é alto e liso. Não considera pois a identificação deste elemento como plinto antes mantém a tradicional classificação de ábaco o que, a nosso ver, corresponde a uma interpretação distinta deste elemento.

⁹ Peças com o n.º de Catálogo respectivamente 106 (descrição p. 35) e 111 (descrição p. 37). Quanto a este último é de referir que o plinto de secção quadrada se encontra presente ainda que a peça apresente igualmente um ábaco alto e liso, facto curioso que atesta, no entanto, o objectivo de carácter exclusivamente funcional que este elemento desempenharia.

¹⁰ Segundo a terminologia aplicada por Pensabene, 1973, p. 202.

¹¹ O Tipo B corresponde a um equino dito “bojudo” em contraposição ao tipo A que engloba os esquinhas estreitos que não ultrapassam a metade inferior das volutas laterais.

ção apontada dos óvulos, bem como o facto de os mesmos se apresentarem cortados superiormente, oferece-nos algumas indicações cronológicas.

Os óvulos, bem desenhados, encontram-se definidos por molduras que os envolvem. Estas molduras, por sua vez, encontram-se em ligação entre si, já que se prolongam na parte superior do equino a fim de se ligarem à moldura do óvulo contíguo. Característica típica dos capitéis ocidentais (Bingöl, 1980, p. 26-40), o nosso exemplar afasta-se, no entanto, das peças mais comuns uma vez que a separação realizada entre os óvulos é consubstanciada por elementos que não conseguimos identificar claramente em nenhum exemplar.

Se, à primeira vista, estes elementos correspondem a linguetas –estreitos listéis relevados sem mais nenhuma terminação–, motivos típicos da época flávia (Pensabene, 1973, p. 228), estes encontram-se rodeados por molduras que ligam, inferiormente, a lingueta às molduras dos semi-óvulos laterais. O motivo assim criado assemelha-se muito mais a pontas de flecha, sobretudo usadas no período de Adriano e posteriormente (Pensabene, 1973, p. 228), do que a linguetas. A diferença entre as separações que temos neste exemplar com as tradicionais pontas de flecha, tal como são mostradas por Herrmann –tipo B e C (Herrmann, 1988, p. 11)–, consiste no facto de, se morfologicamente, se integrarem no tipo C, dele se afastarem pelo aspecto decorativo produzido¹².

As diferenças apresentadas pelo nosso exemplar são justificadas, a nosso ver, por se tratar certamente de uma elaboração local com as consequentes alterações, de gosto e de afastamento dos modelos originais, que *ateliers* locais de menor qualidade produziram.

Também típico da época flávia são os óvulos inteiros delimitados por finas molduras. No entanto, também neste período os óvulos têm tendência a aproximar-se entre si, como se pode ver em alguns exemplares ostienses¹³ o que não acontece no capitel de Lisboa. Aqui, o *kyma* apresenta espaços inter-ovulares consideráveis¹⁴, assemelhando-se muito mais aos exemplares jónicos mais tardios¹⁵ –que apresentam pontas de flecha bem demarcadas por molduras e fazendo, inclusivamente, recurso ao uso do trépano para maiores efeitos de claro/escuro– do que aos exemplares flávios de finas e elegantes lancetas.

A união entre as diversas molduras passam, progressivamente, a deter um papel decorativo tão importante como os elementos que rodeiam¹⁶. Tal aspecto encontra-se presente no nosso exemplar. O aspecto ritmado da decoração é conferido, precisamente, pelas contínuas ligações das molduras que assumem, desta forma, uma importância decorativa tão determinante quanto a desempenhada pelos restantes motivos do *kyma*.

¹² Cf. com os exemplares n.ºs 145-159, entre outros, apresentados por Pensabene, 1973.

¹³ P. Pensabene, 1973. Vid. exemplares n.ºs 107-111 datados da época augustana.

¹⁴ Se incluirmos a largura da molduração à volta do semi-óvulo o espaço interovular possui uma largura semelhante à largura máxima daquele.

¹⁵ Cf. os exemplares indicados com as peças n.ºs 116, 117, 124, 125 e 132, entre outros, também de Óstia, ob. cit. Estas peças abrangem uma cronologia que vai da segunda metade do séc. II ao séc. III.

¹⁶ Pensabene, 1973, p. 250, refere-nos o autor que as molduras passam a "...sembrano far corpo più con le freccette vicine, che con gli ovuli".

Um outro aspecto a ressaltar diz respeito ao facto de esta peça não possuir canal da voluta. Estes elementos encontram-se justapostos ao equino sem que o respectivo canal, ligeiramente côncavo, se prolongue por cima do *kyma*, como é habitual em peças mais antigas. Esta solução, que passa a ter especial acolhimento a partir dos sécs. II e III, é introduzida em Roma por influência dos *ateliers* asiáticos¹⁷. A parte superior da peça termina, assim, sem filete ou canal que estabeleça qualquer relação entre os dois *puluini*. Estes encontram-se justapostos ao equino abrangendo praticamente a mesma altura que este. São curvos, correspondendo, morfologicamente, à literal designação de balaústres (Lézine, 1968, p. 164, n.4). Ambos os topos terminam frontalmente em volutas, de canal côncavo, como já referimos, e espiraliformes, que encerram no interior rosetas relevadas de botão central liso. A existência das rosetas a decorar as volutas é uma característica que passa a ser mais comum a partir de finais do séc. II (Behemerid, 1992, p. 55) e que se prolonga posteriormente.

Os *puluini* apresentam uma forma curva possuindo, a meio, um elemento vertical relevado sem qualquer decoração. As duas partes do toro encontram-se decoradas por folhas de água colocadas horizontalmente, iguais de um lado e do outro, que se juntam a meio através de um simples filete que substitui o tradicional *balteus*. Ainda que as folhas de água não possam, por si, indicar uma cronologia precisa, devido à longevidade da sua aplicação, o aspecto geométrico e pouco naturalista que aqui as folhas apresentam, apesar de algum movimento expresso pelo ligeiro encurvar dos lóbulos, indica-nos obrigatoriamente, uma datação tardia.

Por baixo do equino pode observar-se um fino colarinho composto por pérolas e astrágalos, que decora todo o perímetro da base do capitel. As contas são alongadas adoptando um perfil pouco volumoso mas distendido, característica que passa a ser notória essencialmente a partir do séc. II¹⁸. Não obstante, mesmo que perdida a morfologia arredondada que observamos em peças anteriores¹⁹, a presença do colarinho não deixa de ser importante pela permanência de um elemento classicista na decoração do capitel.

Temos, deste modo, um exemplar de pequenas dimensões²⁰, com uma morfologia muito específica e com uma decoração geométrica bem marcada.

¹⁷ Herrmann, 1988, p. 9, refere-nos o autor que tal solução terá surgido na Ásia Menor tendo rapidamente influenciado os *ateliers* de Roma difundindo-se, a partir daí, às várias províncias ocidentais. Não nos podemos esquecer do enorme contributo dos escultores orientais, sobretudo gregos, que abasteciam os mercados do centro do Império, bastará lembrarmo-nos do seu grande contributo na época de Adriano. Esta influência oriental será, aliás, cada vez mais importante. No séc. IV a decoração do *kyma* adoptará basicamente a decoração oriental, passando-se a designar, por essa mesma razão, por *kyma* asiático (Pensabene, 1973, p. 249 e 250).

¹⁸ Herrmann, 1988, p. 23, indica uma evolução morfológica destes elementos (baseado na tipologia apontada por Bingöl) a qual, e como bem refere o autor, só pode ser tida em conta como uma análise generalista de evolução estrutural. As características apontadas para os colarinhos do séc. II contrapõem-se aos elementos arredondados dos séculos anteriores, assim como à forma angular que os mesmos passarão a adoptar a partir dos Severos.

¹⁹ Cf. com o exemplar ostiense n.º 72, Pensabene, 1973, datado da época de Adriano.

²⁰ As dimensões que a peça apresenta não se adequam de modo algum com as apresentadas por Vitruvius. Cf. esquema de Puschstein, 1973, Lám. 316, já que falta precisamente um dos elementos mais importantes para a análise da proporção da peça que corresponde ao ábaco.

A ausência de ábaco, o justapôr dos *puluini* em relação ao equino e a ausência do canal da voluta indica-nos uma modificação na composição do capitel que será constatada, quer nos exemplares do centro do Império, quer nos das províncias ocidentais, essencialmente a partir dos finais do séc. II, tornando-se corrente na seguinte centúria. A decoração apresentada neste exemplar – rosetas centrais das volutas; pontas de flecha separadoras; grossas molduras; ligação entre as mesmas; lineariedade geométrica; colarinho inferior decorado com pérolas e astrágalos; *puluini* decorados com folhas de água de aspecto também geométrico e planiforme; ausência de semi palmetas – apontam-nos datações que, atendendo ao emprego mais recuado de alguns dos motivos, não poderão ser anteriores aos finais do séc. II. Outros, no entanto, apontam-nos claramente cronologias mais tardias.

As peças empregues no séc. III em Roma, ilustram-nos a nova reelaboração que o capitel jónico sofreu nesta época (Pensabene, 1973, n.ºs 131 e 132). Recuperando motivos mais antigos do séc. II, eles serão modificados tentando responder a objectivos de um mais profundo efeito decorativo.

A difusão desta ordem prolongou-se por todo o séc. IV devido, essencialmente, às novas encomendas para a renovação urbanística da capital do Império (Pensabene, 1973)²¹. No entanto, e apesar de algumas características idênticas, outras há que afastam o nosso exemplar desta corrente bem específica, a principal das quais diz respeito à presença de um sumoscapo decorado com folhas corintizantes.

Deste modo, datamos o capitel da Rua das Canastras do séc. III, arriscando, talvez, uma cronologia para a segunda metade da centúria.

4.3.2. Capitel n.º 6

Este exemplar é muito semelhante ao capitel que acabámos de analisar proveniente da Rua das Canastras, pelo que, na breve análise que faremos, se omitem muitas das considerações referidas anteriormente.

Tal como no capitel da Rua das Canastras, também este exemplar apresenta dimensões muito reduzidas. Estamos longe das proporções canónicas indicadas por Vitruvius que em nada se aplicam ao exemplar.

Este capitel apresenta um plinto de secção quadrada, de grande altura, que se encontra retraído em relação ao restante diâmetro. Certamente não visível quando colocado no edifício ao qual se destinaria, este elemento não pode ser, como já referimos, confundido com o ábaco. Temos, deste modo, uma característica, decorativa e estrutural, que nos remete para correntes evolutivas mais tardias. Encontramos os melhores exemplares deste tipo em território africano, onde peças provenientes de Timgad, Mactar ou de Cartago (Lézine, 1968, p. 159)²² nos oferecem exemplares belíssimos, onde se pode constatar esta

²¹ Por exemplo as Termas do *Forum*, em Roma, com o emprego de capitéis jónicos, n.º de catálogo 140-150.

²² Trata-se de peças tunisinas, especialmente as de Mactar, Haïdra, Cartago, bem como outras da Argélia, sobretudo Timgad, que apresentam, de igual modo, a mesma característica.

nova solução, a qual, no entanto, e apesar dos vários exemplos norte-africanos, pode ser pela primeira vez observada na Ásia Menor entre o séc. II e o séc. III (Herrmann, 1988, p. 10).

No exemplar de Lisboa a ausência de ábaco corresponde a uma pré conceptualização e a uma reelaboração formal dos diversos elementos constitutivos do capitel, resultando num bloco uno onde as partes se imbricam umas nas outras não assumindo, cada uma delas, e separadamente, um valor independente. A comprovar o que agora referimos bastará observar a posição das volutas e a relação que as mesmas estabelecem com o equino. Para além de se encontrarem justapostas a este, a posição que detêm leva a considerá-las como parte integrante do corpo da peça, parecendo arrancar dos dois lados do equino. A não terminação dos círculos das volutas, os quais se encontram interrompidos pelos óvulos do *kyma*, sublinham ainda mais esse aspecto. Esta característica, muito pouco comum, encontramos-na, no entanto, esboçada em alguns exemplares de Tipasa, Utica e em Timgad (Pensabene, 1986, p. 142 e ss., figs. 52c, 52e, 52f) no que diz respeito à sua localização ao mesmo nível do equino, o qual o acompanha em toda a sua largura.

Estes exemplares africanos abrangem uma cronologia que vai do séc. II até à primeira metade do séc. III²³. A característica mais curiosa presente no capitel em análise, é o facto da curva superior da voluta ser contígua à margem superior do equino. Esta será uma particularidade, como refere Pensabene²⁴, própria da decoração dos capitéis jónicos africanos, a qual, porém, dificilmente se encontra no restante Império Romano²⁵.

As espirais das volutas são marcadas por um filete relevado e o canal é ligeiramente côncavo. No centro, pequenas rosetas²⁶ com botão central liso decoram a parte frontal dos *puluini*.

O equino, de curvatura pouco acentuada, é decorado por três semi-óvulos apontados inferiormente. Os óvulos abrangem, com as respectivas molduras, a

²³ O exemplar de Tipasa foi reutilizado na Basílica da cidade. O capitel jónico de Utica apresenta quatro faces iguais posicionando-se as volutas nos seus quatro ângulos e adoptando uma posição quase vertical. O canal de voluta, aqui exageradamente largo e projectado, arranca directamente do equino. Esta peça, reutilizada num muro tarde-imperial é datada dos inícios do séc. II. Por último, a peça de Timgad, também datável do mesmo período, indicia a total supressão do canal de voluta bem como a colocação das volutas ao mesmo nível do *kyma*. Pensabene, 1973, p. 417 e 418.

²⁴ "...la tendenza alla scomparsa del canale delle volute diverrà proprio una caratteristica africana..." (Pensabene, 1973, p. 417).

²⁵ Em Óstia, alguns exemplares poderão aproximar-se desta "tipologia", trata-se, no entanto, de capitéis jónicos lisos onde as volutas assumem um peso determinante na decoração da peça, já que é omitida a realizada pelos óvulos e respectivos elementos separadores, cf. os exemplos apresentados por Pensabene, 1973, n.º 186-188 e do n.º 190 ao 197, datados da segunda metade do séc. IV.

²⁶ O desgaste da superfície neste local não nos permite afirmar se se trata de uma roseta tetrapétala ou de quatro pétalas. É importante, no entanto, sublinhar o facto da roseta apenas ocupar o centro da voluta, característica comum no mundo Mediterrâneo durante os sécs. I e II, Carlos Marquez, 1993, p.184, ao contrário do que se constatará em épocas mais tardias, sécs. III e IV, onde as volutas são totalmente decoradas por uma roseta de grandes dimensões, característica que deve a sua origem a influências africanas, Carlos Marquez, 1993 e Pensabene, 1986, p. 421. Este autor recua, no entanto, o aparecimento desta característica aos últimos decénios do séc. II.

altura total do equino, atingindo idêntica altura que as volutas²⁷. Os elementos separadores, aqui consubstanciados por lancetas estilizadas e altas, surgem por entre as molduras dos três óvulos, muito próximos. As lancetas não se encontram emolduradas, terminando inferiormente ao mesmo nível da parte inferior dos óvulos e das volutas. O aspecto geométrico é marcante, apesar dos vários motivos se encontrarem quase desenhados, essencialmente no que diz respeito às lancetas²⁸, cuja terminação se resolve em formato triangular, aspecto que, imediatamente, nos permite apontar paralelos com algumas peças de Óstia datadas da época de Adriano²⁹.

Ausentes estão também as palmetas, motivo comum nos capitéis jónicos canónicos³⁰ e que, pela sua posição em relação aos óvulos laterais, nos permitem igualmente obter alguns apontamentos cronológicos.

A base da peça é decorada por uma moldura sogueada que percorre todo o perímetro circular da base onde encaixaria o sumoscapo da coluna. Este tipo de cordão é, geralmente, atribuído a peças tardias, ainda que tal regra não possa ser aplicada de forma generalizada. De facto, aparecem-nos molduras sogueadas em exemplares de “boa época”, como ocorre em capitéis coríntios de Clunia³¹, Valéria³² ou de Saintes³³, embora o mais vulgar seja, com efeito, o aparecimento deste tipo de cordão em peças bem mais tardias (Cruz Villalón, 1985).

Os *puluini* encontram-se decorados por largas folhas de água, estilizadas, talhadas por breve incisão biselada. O perfil curvo das folhas é contínuo. Este é o tipo decorativo mais simples correspondendo ao grupo 1 de G. Behemerid (1992, p. 50), ou aos tipos VIII, X e XV de Bingöl (1980).

²⁷ Tipo B de Herrmann, 1988, p. 22.

²⁸ Estes elementos podem facilmente ser confundidos com pontas de flecha, das quais, em boa verdade, não são em alguns casos muito distintas. Nesta definição dos dois tipos de motivos recorremos à explicitação apresentada por Pensabene, 1986, p. 414, que aplica o termo de “ponta de flecha” nos casos em que estas apresentam, na sua terminação, as hastes triangulares da ponta afastadas da haste central vertical.

²⁹ Sobretudo peças n.ºs 82 e 112 de Pensabene, 1973. A primeira corresponde a um capitel toscano decorado, no entanto, com um *kyma* jónico.

³⁰ No qual, todavia, também o capitel de Lisboa se integra, já que apresenta as faces com decoração igual duas a duas, Pensabene, 1973, p. 202.

³¹ Peças que, gentilmente, nos foram mostradas pela Dr^a M^a Angeles Gutierrez Behemerid que, actualmente, prepara uma monografia sobre os mesmos. Os capitéis de Clunia poderão ser, em termos gerais, atribuíveis ao séc. I, sobre estas peças *vide* Carmen Trapote, 1965. Cf. por exemplo com a peça n.º 13, a qual possui uma moldura sogueada na orla do *kalathos* e datado do séc. I. Sobre estas peças diz-nos a autora que “... manteniendo los cánones y elementos clásicos, se apartan en cierta manera de la línea general y no tienen paralelo (...) tienen una gran originalidad y constituyen un ejemplo personal de la interpretación provincial del Arte Romano”, p. 3.

³² Peças com a mesma característica encontramos também em Valéria (Cuenca), Gutierrez Behemerid, 1992, peça n.º 268, p. 86, da época Júlio-Cláudia, e que apresenta “diversas incisões oblíquas”, em forma de cordão, a decorar a orla superior do *kalathos*.

³³ Tardy, 1989. Concretamente figs. 44 e 46 correspondentes a capitéis compostos de época Flávia onde uma moldura sogueada define a parte inferior do registo jónico.

No centro do *puluinus*, encontra-se um *balteus* estreito decorado por cordão e sem delimitações laterais, exceptuando os dois sulcos biselados que o delimitam.

O fuso é simples, não encontrando, todavia, um paralelo exacto nos tipos descritos por G. Behemerid (1992, fig. 11). Exemplos da Ásia Menor aproximam-se muito ao que agora apresentamos, abrangendo uma franja cronológica que ocupa os sécs. II/III e o séc. IV³⁴.

Nos capitéis tardios de Roma não encontramos nenhum exemplar que mostre um cordão simples como aquele que apresenta a peça de Lisboa. Se bem que a moldura sogueada apareça correntemente, ela surge em conjunto ou com uma outra simétrica, ou então delimitada por duas caneluras relevadas sem decoração. Em nenhum dos casos ela é apresentada isoladamente³⁵.

Estamos, de facto, perante uma peça de época tardia. O equino, decorado com três óvulos separados por lancetas e sem a inclusão do canal da voluta é o tipo mais comum a partir do séc. II³⁶. A simplicidade que os diversos motivos decorativos atingem, bem como a ausência do ábaco, o qual aparece substituído por um simples plinto, são elementos que atestam bem a evolução do capitel jónico durante o séc. III e IV. Os contrastes volumétricos são abandonados sendo preteridos por simples incisões que desenharam, mais do que esculpem, os diversos motivos das faces frontais. Os óvulos, acentuadamente apontados na sua parte inferior, aspecto constatado nestes dois séculos em capitéis de Córdova (Carlos Marquez, 1993, p. 183), adquirem um perfil linear e geométrico.

A decoração, se bem que copiando aquela utilizada durante o séc. II – como se pode ver na utilização das lancetas – é alterada, quer por uma degeneração dos elementos tradicionais, quer por uma introdução de motivos mais do gosto local, o que, para além de todas as dificuldades de uma atribuição cronológica para este tipo de peças, dificulta uma especificação da mesma.

Os séculos III e IV correspondem, no centro do Império, a um recrudescimento na produção dos capitéis jónicos (Pensabene, 1973, p. 239-240), razão pela qual esse incremento será igualmente constatado nas províncias.

Torna-se difícil, pelo que ficou dito, a datação específica do nosso exemplar. Quanto às considerações de ordem cronológica remetemos, mais uma vez, para a análise comparativa anterior, apontando para esta peça, dos arredores de Lisboa, uma datação dos finais do séc. III ou do séc. IV embora existam peças similares, ainda que poucas, datadas de época mais tardia³⁷.

³⁴ Bingöl, 1980, exemplares n.ºs 119, 120, 121 e 172, as datações são, respectivamente, séc. II/III; séc. IV; séc. IV e sécs. II/III. Em todas as peças os *puluini* apresentam-se decorados por folhas de água ou por folhas imbricadas muito simples.

³⁵ Herrmann, 1988. Os exemplares são tantos que nos abtemos aqui de os referenciar especificamente.

³⁶ Tipo que se integra na classificação do Tipo 3c de Behemerid, 1992, p. 44 e 45.

³⁷ Referimo-nos concretamente a um exemplar da Basílica cristã de Tizirt (Rusucurru) e de outro de Cherchel. O primeiro é datado do séc. V e, o segundo do séc. IV/V, Pensabene, 1986, p. 418 e 419, fig. 53b. Aqui, no entanto, as características geométricas são mais acentuadas e intimamente relacionadas com o carácter esguio dos diversos motivos que decoram o *kyma*. As volutas frontais não apresentam qualquer roseta, adquirindo, deste modo, um carácter geométrico mais marcado.

4.4. Capitéis coríntios de folhas lisas

4.4.1. Capitel n.º 7

É um capitel de folhas lisas, certamente de adossamento, dado que uma das suas faces se encontra cortada verticalmente.

O *kalathos* apresenta uma disposição normal de folhas de contorno contínuo, distribuídas em duas coroas. O recurvamento superior foleáceo é acentuado e a definição individual de cada elemento é realizada por incisão mais ou menos profunda.

Encontramos folhas com as mesmas características numa peça de Óstia (Pensabene, 1973, p. 114), mas os exemplos multiplicam-se quando passamos para a Hispania. Exemplares de Barcelona, Itálica e de Sevilha (Gutierrez Behemerid, 1992)³⁸ oferecem-nos paralelos muito próximos, cuja cronologia varia entre a segunda metade ou finais do séc. II e o séc. III.

Afigura-se-nos difícil, no entanto, apontar paralelos específicos para este tipo de disposição e de morfologia das folhas, já que estes elementos, resumidos a uma forma mais ou menos fixa, poucas alterações sofreram ao longo dos séculos. Deste modo, e salvo algumas diferenças, que se prendem essencialmente com pormenores de carácter técnico, as folhas do séc. III não diferem muito das folhas do séc. IV ou até mesmo do V, não se podendo tomar este elemento decorativo como indicador de cronologias precisas. Comparem-se, como exemplo, peças de Barcino datadas dos sécs. IV/V (Gutierrez Behemerid, 1986, p. 29-30, n.ºs 47, 49, 50 e 51), com um capitel do Sul da Síria do séc. I a.C. (Chidiac, 1995, p. 62).

Este exemplar mostra-nos, no entanto, um *kalathos* de estrutura semelhante à do capitel coríntio dividido em duas coroas de folhas e com uma terceira composta por quatro elementos foleáceos que representam as volutas angulares. Esta morfologia é curiosa uma vez que em peças mais tardias a tendência é para reduzir o número de coroas, sendo vulgar, a partir do séc. III, as peças apresentarem somente uma.

A parte livre do *kalathos* encontra-se decorada com dois pequenos talos, lisos e verticais, que partem da zona superior da folha central da *imma folia*. Ligeiramente relevados, os talos são encimados por pequenas rosetas quadripétalas de botão central liso. Este motivo parece corresponder a uma degeneração do motivo liriforme que encontramos nos capitéis corintizantes.

Esta decoração, de antecedentes recuados (Pensabene, 1973, p. 220; Ronzewski, 1923, p. 139), prolongar-se-á pelos sécs. I, II e inícios da centúria seguinte, a partir da qual se tornará cada vez mais raro, sendo preterido em favor de outros.

Em Óstia, este tipo de motivo liriforme, com duas rosetas centrais, ainda que enquadradas em talos vegetalistas bastante rebuscados, surge-nos em peças datadas de entre os finais do séc. I e os inícios do séc. III, com especial incidência para o séc. II. É também uma peça de Óstia, datada da segunda metade

³⁸ Peça de Barcelona: p. 154, n.º 668; exemplar de Itálica: p. 155, n.º 671 e capitel de Sevilha: pp. 155 e 156, n.º 677.

do séc. II (Pensabene, 1973, p. 174, n.º 732), que nos oferece um capitel de pilastra que apresenta no centro uma haste vertical que termina, superiormente, em dois pequenos enrolamentos esquemáticos de aspecto estilizado³⁹. A utilização deste motivo liriforme obteve um favoritismo grande tendo, por essa mesma razão, perdurado no léxico decorativo até épocas bastante tardias, como sucedeu no Norte de África⁴⁰.

Dois outros paralelos, ainda que compósitos, são-nos oferecidos por dois exemplares de Mérida (Cruz Villalón, 1985, p. 130-131, fig. 331 e 334). Correspondem a peças tardias datadas, genericamente, do séc. IV⁴¹ e que se integram no tipo B1 de Cruz Villalón⁴². No entanto, se nestas peças a moldura do cesto corresponde a um astrágalo simples de perfil quase plano, na peça do M.N.A. essa moldura transforma-se num cordão decorado, acentuando, deste modo, a separação entre esta parte do capitel e o registo superior correspondente à zona do ábaco. Exceptuando as peças referenciadas, não encontrámos nenhum outro exemplar que nos ofereça paralelos para esta decoração.

O registo decorativo superior – correspondente à zona do ábaco – é composto por um ábaco relativamente pequeno (3 cm), decorado no centro por um elemento saliente, de formato sensivelmente triangular, no meio do qual se encontra uma pequena roseta quadripétala⁴³.

É habitual, em capitéis romanos, as faces do ábaco encontrarem-se decoradas por uma flor. A do nosso exemplar, no entanto, encontra-se totalmente desvirtuada dos modelos clássicos que lhe deram origem. De facto, a flor foi, nesta peça, colocada de forma inorgânica, como que aposta à saliência do ábaco, sem qualquer ligação lógica ao elemento que a suporta. De dimensões muito

³⁹ Se não fosse a restante decoração, quase seríamos levados a dizer que se trataria de uma peça tardia. Indicamos este exemplo essencialmente para fazer notar a complexidade da análise decorativa, a qual não pode ser entendida de forma rígida ou isolada, mas cruzando informações, mesmo que díspares.

⁴⁰ Permanência que é atestada em peças datadas dos sécs. III ao VI de Columnata, Cadenat, 1979, p. 250, fig. 5. Este pode ser considerado como um exemplo arbitrário. Cf. as peças de “boa época” do período de Adriano.

⁴¹ Em relação à cronologia, a autora indica-nos o seguinte: “Interpretamos estos ejemplares como una sucesión inorgánica de un tipo compuesto romano, también de hojas lisas y con grandes volutas planas y circulares concebidas como tabiques, ya conformado en el siglo II, y con manifestaciones en el siglo IV desvirtuadas y próximas a las que estamos definiendo. Pero aquí, en nuestros ejemplares, ya se ha perdido el verdadero sentido de cada elemento, al convertirse la moldura jónica - aún reconocible en el capitel 331 - y las volutas en signos esquemáticos e inconexos”. 1985, p. 250.

⁴² Em relação a estas duas peças, diz-nos a autora: “...los capiteles 331 e 334 tienen sobre la segunda corona de hojas un fino astrágalo recto y plano que indica el final del *kalatbos*, y sobre él una moldura recta y plana también, que finaliza con dos volutas oblicuas por todo elemento jónico. Es confuso definir a qué corresponde esta moldura, pues en buena lógica debía tratarse de la representación del canal de las volutas, y sin embargo conocemos por otros capiteles romanos tardíos abreviaturas semejantes que indican el *kyma* jónico...”, *idem ibidem*. Pensamos que, se de facto a moldura superior poderá corresponder ao canal da voluta, ainda que com algumas dúvidas, a moldura inferior corresponderá, de facto, a um sublinhar da terminação do cesto da peça.

⁴³ Somente num dos lados menores se pode observar a flor, já que na face central ela não se conservou: desbastamento posterior ou superfície erodida?

pequenas, é semelhante às rosetas que observámos nas faces do *kalathos*. Uma peça de Óstia, do séc. IV, oferece-nos alguma informação (Pensabene, 1992, p. 118, fig. 444): trata-se de um capitel de pilastra que apresenta uma flor, a qual, apesar de ser morfológicamente distinta, denota as mesmas características pouco plásticas da flor do capitel do M.N.A.⁴⁴.

O cordão decorado estabelece a ligação ao ábaco através de uma banda alta, oblíqua e lisa, de onde saem as volutas angulares de enrolamento terminal espiraliforme. Enrolamento terminal muito semelhante é-nos dado por uma peça de Córdoba, cuja cronologia aponta para os sécs. III ou IV. A definição da espiral é realizada da mesma forma –talhe inciso– e o volume é semelhante, ainda que a peça do M.N.A. apresente uma inclinação para o exterior mais acentuada. As volutas acusam uma projecção acentuada que lhes é conferida por um canal de voluta de perfil convexo/plano bem delimitado através de um rebaixamento acentuado da zona envolvente. A horizontalidade das volutas é, igualmente, uma característica que encontramos em peças tardias, facto atestado a partir do séc. III⁴⁵.

Podemos dizer que esta peça corresponde a um produto de elaboração local, onde se patenteiam, no entanto, influências de estilos bem precisos. Estes, longe de corresponderem a gostos meramente locais, reflectem antes correntes estilísticas comuns no centro do Império, atestadas desde épocas antigas.

Se os aspectos que nos levam a dizer estarmos perante um produto tardio –horizontalidade das volutas; flor do ábaco; ausência de elementos como os caulículos e as hélices– são de facto decisivos para tal datação, outros há –três coroas de folhas; enrolamento espiraliforme da voluta; motivo liriforme central; para além da relativa proporcionalidade da peça⁴⁶– que nos obrigam a considerar uma certa organicidade e planeamento de execução, bem como um relativo domínio do léxico decorativo então em voga.

Sublinhamos, mais uma vez, a dificuldade em apresentar cronologias estreitas para peças como esta, nas quais, para além dos motivos que tradicionalmente nos permitem inferir datações relativamente seguras não estarem presentes⁴⁷, os que se observam poderem corresponder a produções locais ou regionais que se regem por padrões não tipificados.

Apontamos para esta peça uma cronologia que se situará entre os finais do séc. III e os inícios do séc. IV.

⁴⁴ As variantes decorativas da flor do ábaco, definidos já desde o início do coríntio-italico, denotam grandes influências helenísticas. Será, no entanto, em pleno Império que esses motivos se irão multiplicar, ainda que não sejam em número os subtipos. As diferenças contam-se, essencialmente, em variantes de motivos tipificados, bem como alguns outros, não incluídos em nenhum tipo específico, que são produto de elaborações locais e de modismos regionais.

⁴⁵ As volutas tornam-se mais curtas, dispendo-se quase paralelamente ao ábaco, Behemerid, 1992, p. 144.

⁴⁶ O ábaco é demasiado pequeno para a dimensão total da peça, devendo apresentar cerca de 1,5 cm a mais do que os 3 cm que possui, no entanto, a altura das duas coroas de folhas, que têm no total 19 cm, somente apresenta 0,5 cm de diferença em relação à proporção vitruviana. Tomámos como norma a reconstituição do capitel coríntio romano segundo a *Enciclopédia dell'Arte Antica*, Atlante, 1973, Lámina 358.

⁴⁷ Aspecto mais acentuado quando se trata de capitéis de folhas lisas que, como o caso vertente, apresentam alterações relativamente ao canone tradicional.

4.4.2. Capitel n.º 8

A linearidade dos elementos constitutivos desta peça transformam-na num exemplar que, à primeira vista, pode ser entendido como um trabalho esquemático onde os elementos tradicionais se encontram desvirtuados. O resultado final pode, desta forma, ser considerado um produto tardio de uma oficina local.

O ábaco torna-se nos capitéis de folhas lisas progressivamente mais alto, não apresentando decoração. A morfologia da flor do ábaco vai-se alterando, assim, adopta a forma de um “lóbulo” mais ou menos circular no séc. III, passando, no séc. IV, a apresentar um formato paralelepípedo ou não sendo, sequer, identificável (Pensabene, 1992, p. 240). No exemplar que tratamos, a flor aparece-nos substituída por um “lóbulo” circular (na parte inferior) e rectangular na parte oposta.

A terminação da moldura localizada por baixo do ábaco apresenta um talhe biselado. A moldura convexa que se apresenta por baixo corresponde, em nossa opinião, não já à parte inferior do ábaco, (ou seja, uma dupla moldura) mas sim à terminação superior do cesto da peça. Esta característica é identificativa de alguns exemplares mais antigos, onde ela nos surge, quase sempre, terminada inferiormente com um listel ou moldura recta⁴⁸. Estas peças são datáveis dos finais do séc. II e inícios do III, sendo no entanto, mais frequentes nesta última centúria.

O passo final desta evolução, surge-nos em finais do séc. IV e durante o séc.V, em peças que não apresentam qualquer distinção entre ábaco e *kalathos*.

Nesta peça do M.N.A., a moldura que limita superiormente o cesto tem paralelos com capitéis de folhas lisas, simples e compostos, de Óstia (Pensabene, 1992, p. 125, n.ºs 485 e 486; p. 134, n.º 538 e p. 134-135, n.º 540) datadas da segunda metade do séc. IV.

As volutas somente se encontram representadas, nos quatro ângulos da peça, por espessamento de uma banda localizada por baixo do ábaco⁴⁹. Embora não desenvolvidas canonicamente e sem qualquer decoração, elas insinuam-se no local habitual da sua representação.

Dois exemplares de Óstia oferecem-nos volutas idênticas (Pensabene, 1992, p. 132, n.º 526 e p. 134-135, n.º 540)⁵⁰. Datados de entre a segunda metade do séc. IV e os inícios do séc.V, podem servir de baliza cronológica extrema em relação à peça que agora estudamos. No entanto, o nosso capitel distancia-se imediatamente não só pela qualidade técnica da realização, como também pelo facto de possuir outros motivos que o aproximam de exemplares mais antigos.

⁴⁸ Vejam-se os exemplares de Óstia com os n.ºs de catálogo 437, 468 e 469 (Pensabene, 1992, p. 117 e 122). Diz-nos o autor que estas molduras consecutivas se vão progressivamente simplificando.

⁴⁹ Não confundir, no entanto, com a moldura superior do cesto, já que esta corresponde a um elemento distinto.

⁵⁰ O autor não considera este espessamento da moldura como voluta. De facto, ela não é explicitada, no entanto, em peças deste tipo, onde o esquematismo e a abstracção são conceitos perfeitamente interiorizados, as volutas não o são menos do que considerar como folhas os elementos de forma em concha que se elevam sensivelmente a meio das faces livres da peça.

Por baixo do espessamento acima referido localizam-se as folhas angulares, quatro no total. O recurvamento superior é acentuado mas acompanha as projecções angulares sem delas se afastar. De contorno contínuo, a relevação é dada por um rebaixamento da parte circundante do corpo da peça, ligação esta realizada através de uma moldura plana. Nova moldura, de idênticas características acompanha a anterior, fazendo corresponder aquela ao arranque das volutas angulares. Esta duplicação de molduras, e sobreposição rigorosa de volutas e folhas, encontramos-la em várias peças, como por exemplo num exemplar, conservado no Museu Nacional de Roma (Gallottini e Lupi, 1991, p. 100, n.º 172) datado dos finais do séc. III / inícios do séc. IV. Duplicações semelhantes existem em peças apresentadas por D. Fernando de Almeida (1962, Lam. XV, figs. 129, 131, 132; p. 204-205) e provenientes de Coimbra, ou Conímbriga⁵¹, Faro e Beja. O nosso exemplar aproxima-se, essencialmente, da peça de Beja. Quanto a este conjunto, o autor data-o, na globalidade, do séc. IV, integrando-o cronologicamente no que denomina de “preâmbulo” da Arte Visigótica (Almeida, 1962, p. 71).

Igualmente Carlos A. Ferreira de Almeida apresenta duas peças, provenientes de Beja, que classifica de “capitéis corintizantes de folhas lisas” (Almeida, 1986, p. 55). Estas são próximas, pela sua decoração, da peça do M.N.A. O trabalho é, porém, mais grosseiro. A cronologia indicada para estas duas peças de Beja surge-nos totalmente fora dos padrões cronológicos em que teremos que integrar este tipo de trabalhos escultóricos. De facto, a classificação de “pós-romanas” é inaceitável (Almeida, 1986)⁵² encontrando-se perfeitamente documentados exemplares análogos, somente com diferenças decorativas de pormenor, em vários pontos do Império Romano.

Um dos elementos mais marcantes neste capitel são as quatro folhas da *imma folia*. São folhas não individualizadas lateralmente, sendo a sua representação realizada por um recurvamento marcante, em forma de concha, projectado para o exterior. Este tipo de folhas não é muito frequente. Conhecem-se, no entanto, alguns paralelos que são produto, pela raridade e concentração cronológica que documentam, certamente de uma corrente estilística precisa.

Se, no que respeita aos elementos até agora analisados, isto é, compreendendo os dois registos superiores da peça – ábaco e molduração; volutas e molduração; folhas angulares –, não é difícil encontrar peças análogas, mormente provenientes de Óstia, os paralelos tornam-se bastante escassos quando observamos a peça no seu conjunto, ou seja, integrando o registo decorativo inferior, a *imma folia*.

Os paralelos detectados são relativamente poucos, ainda que de extrema importância. Uma peça do Museu Nacional de Roma dá-nos um paralelo, ainda que fruste, para esta solução foliar, com os motivos ornamentais bem marcados e a superfície apresentando trabalhos de abrasivo ou talvez de polimento indicando certa qualidade executiva. Se o exemplar, de pequenas dimensões, não

⁵¹ A proveniência das peças apresentadas pelo autor não é certa.

⁵² Não especifica o autor a datação apresentada; no entanto, dado que trata, no mesmo contexto, da evolução artística durante a Alta Idade Média, pensamos que o mesmo deverá atribuir um contexto bastante tardio a estes dois capitéis.

oferece, à primeira vista, elementos que o levem a incluir em grupos de “boa época”, o conjunto em si, atendendo inclusivamente às próprias proporções deste exemplar⁵³, induz-nos a classificar esta peça como produto de correntes específicas que, por tal razão, se afastam dos cânones decorativos tradicionais.

Se os exemplares que encontramos em Óstia se aproximam morfologicamente desta peça (Pensabene, 1992, p. 240)⁵⁴, o facto de não apresentarem a *imma folia* e, igualmente, o de não incluírem as folhas peculiares em forma de concha, levam-nos a acautelar as comparações cronológicas apontadas para estas peças e que correspondem, em termos gerais, ou ao séc. IV ou à segunda metade da centúria. Apontamos para este capitel de folhas lisas uma cronologia que não andarão longe dos inícios do séc. IV.

4.4.3. Capitel n.º 9

É uma peça de pequenas dimensões. Desconhecemos a sua proveniência, no entanto, a matéria em que se encontra realizado, –mármore de Trigaches– leva-nos a pensar numa origem do Sul de Portugal. O ábaco é alto e encontra-se decorado, a meio, por um elemento de formato paralelepípedo que abrange toda a sua altura. Como já referimos em análises anteriores, este elemento passa a surgir em peças datadas do séc. IV, substituindo os elementos circulares, também projectados, e sem decoração, mais típicos do séc. III (Pensabene, 1973, p. 240; Gutierrez Behemerid, 1992, p. 154).

O facto de o capitel apresentar partidos os seus quatro ângulos, impede-nos de observar o enrolamento terminal das volutas, sendo bem marcada a sobreposição das volutas sobre as folhas angulares. Essa representação é aqui realizada por duas molduras, certamente de perfil biselado, ainda que o desgaste da superfície não permita observar com rigor o perfil moldular. As molduras partem da parte superior da *imma folia* criando, desta forma, faces centrais do *kalathos* em forma de V de ângulo pouco aberto.

As folhas, ligeiramente relevadas, apresentam um perfil contínuo. Encontram-se agarradas ao *kalathos* apenas dele se desligando na sua parte superior por um recurvamento das mesmas. No entanto esse recurvamento não é maciço, aproximando-se da curva foleácia de capitéis coríntios e corintizantes, bem como do tipo mais comum do capitel de folhas lisas.

Nesta peça, a “forma de concha” da parte superior das folhas não é acentuada, não se podendo comparar aos exemplares atrás referidos por D. Fernandes de Almeida. No entanto, os restantes elementos encontram-se presentes.

⁵³ Se a altura da *imma folia*, - na qual incluímos as quatro folhas frontais - que é de 10 cm, seguindo as proporções vitruvianas deveria ter cerca de menos 3 cm (o mesmo acontecendo em relação às folhas angulares), já a altura do ábaco é muito aproximada, tal como próximo é o diâmetro que apresenta a base. Seguimos, nesta análise comparativa, as normas indicadas na *Enciclopédia dell'Arte Antica*, Atlante, 1973, Lámina 358.

⁵⁴ Peças com os n.ºs 486, 487, 513, 514, 515, 517-519, 526, 528, 536.

Este exemplar apresenta um aspecto pouco cuidado. As dimensões que apresenta, bem como a própria altura da peça⁵⁵, transformam-no no que poderíamos designar de exemplar degenerado de um tipo bem definido. Esta peça encontra-se, estilisticamente, entre os capitéis de folhas lisas, comuns no Império a partir do séc. II, mas essencialmente a partir da seguinte centúria, e um outro tipo de influências que talvez se possam perscrutar em regiões mais longínquas, possivelmente orientais. Consideramos como “tipos de influência oriental” –dos quais poderíamos aproximar alguns exemplares alexandrinos–, peças que mantêm dois dos traços mais importantes deste tipo de peças. São eles, o recurvamento das folhas da *imma folia* –em forma de concha (mais ou menos maciça)–, e as volutas sobrepostas às folhas angulares, nascendo ambas da parte superior das folhas inferiores, sendo esta sobreposição assinalada por molduras.

Os elementos adicionais –lóbulo terminal em ponta; decoração das faces do *kalathos*; flor de ábaco– são aspectos que, neste contexto, achamos secundários, interessando somente a definição de influências, sub-tipos ou modismos regionais. A definição de tipo prende-se, essencialmente, com aspectos formais de fundo que se podem individualizar pela sua constância, apesar da aparente diversidade decorativa que as peças apresentam⁵⁶.

A inclusão de elementos próprios; a posição que adoptam na peça; a execução técnica e a composição rígida que nos transmite o objecto só pode ser entendida, em nossa opinião, porquanto nos encontramos perante produtos que são, seguramente, resultado da importação de uma matriz morfológica e estrutural.

Pensamos que esta peça não andar­á longe dos meados do séc. IV, altura em que influências orientais e dos capitéis tradicionais de folhas lisas se encontravam presentes, evoluindo segundo formas perfeitamente amadurecidas e reelaboradas segundo um gosto provincial, mas sem atingir os modelos totalmente degenerados que iremos encontrar em épocas posteriores.

4.4.4. Capitel n.º 10

Este capitel de pequenas dimensões, apresenta a superfície muito desgastada, o que dificulta a observação dos pormenores decorativos.

A decoração do corpo da peça é composta por motivos simples, esquemáticos, que nos surgem apenas esboçados, sem que tenha existido uma tentativa de aperfeiçoamento ou de pormenorização dos diversos elementos.

⁵⁵ As dimensões que apresenta não correspondem, em nada, às proporções vitruvianas. De facto, as folhas inferiores têm quase o dobro das que uma peça com esta altura de corpo deveria possuir. O mesmo acontece à altura das folhas angulares, que ultrapassam em cerca de 4 cm a dimensão canónica. No entanto, pensamos não ser muito pertinente a comparação das dimensões da peça com valores teóricos de proporção de elementos, quando, neste caso, esses mesmos elementos não se encontram presentes (hélices, enrolamentos terminais das volutas, caulículos).

⁵⁶ Se estes são os elementos constituintes, um dos traços mais importantes na definição deste tipo de peças é, a nosso ver, a extrema linearidade do traço, o purismo das formas e o hieratismo decorativo, características que encontramos, desde épocas muito antigas, nas civilizações do Próximo Oriente. O Egipto oferece-nos, a esse nível, exemplares belíssimos de concepção abstractizante.

Esta peça foi já apresentada por D. Fernando de Almeida (1962, Lâm. XV, fig. 133), ainda que o autor não cite a sua proveniência (Almeida, 1962)⁵⁷. Ao analisar este exemplar, engloba-o num conjunto de peças, de diferentes proveniências⁵⁸, as quais integra numa mesma cronologia, o séc. IV, correspondendo a um período que ele próprio designa como “preâmbulo da Arte Visigótica” (Almeida, 1962, p. 71). No entanto, as observações que o autor elabora quanto a este exemplar são, no entanto, muito poucas (Almeida, 1962, p. 205)⁵⁹, comparando-o com outras peças que, a nosso ver, são estilisticamente, distintas.

É difícil estabelecer paralelos para este tipo de peças e, especialmente, para a que ora nos ocupa, já que o seu estado de conservação, apesar de o exemplar se manter completo, é bastante mau. Os elementos que constituem a peça, e que são, em qualquer caso, os caracteres definidores serão, por essa razão, os únicos elementos que nos podem auxiliar numa qualquer definição cultural e cronológica. Os motivos passíveis de caracterizar são: um ábaco muito pouco espesso; local da flor do ábaco assinalado; uma única coroa de folhas; volutas angulares.

O ábaco é muito estreito (2/3 cm) não apresentando qualquer molduração. Se, por um lado, peças sem ábaco são tradicionalmente consideradas como peças tardias⁶⁰, esse não pode ser considerado um factor determinante de datação. Por outro lado, é mais comum encontrarmos ábacos altos em peças tardias do que o inverso, modificações que se irão fazer sentir acentuadamente na nova gramática decorativa de influência paleocristã, bizantina e altomedieval (Farioli, 1969).

No que respeita ao nosso exemplar, observamos que o ábaco que a peça possui se, de facto, é exageradamente pequeno⁶¹, está presente, o mesmo acontecendo à tradicional flor de ábaco. Esta, embora sem decoração plástica,

⁵⁷ De facto, o autor somente refere que a peça se encontrava depositada no Museu Nacional de Arqueologia. A peça, actualmente nas reservas da mesma instituição, apresenta um número que tem correspondência, nos livros de entrada antigos, na indicação genérica da proveniência do Alentejo.

⁵⁸ Às quais nos referimos em relação a outras peças estudadas no presente trabalho.

⁵⁹ “Capitel conservado no Museu Etnológico; não se conhece a procedência (fig. 133). Calcáreo. Ornatos bastante gastos, mas vêem-se, partidas, as mesmas folhas largas dos anteriores e as volutas.”

⁶⁰ Cf. com os inúmeros casos que encontramos no Norte de África, designadamente de capitéis jónicos (Lézine, 1968, p. 159 e ss). Na verdade, esta característica, só por si, pode levar a considerar peças como tardias. Tal acontece em relação a capitéis da Tunísia, (das cidades de Mactar e de Haídra) nos quais o ábaco é substituído por um plinto rectangular, esquecendo a sua dupla função de elemento portante e decorativo. Estas peças são datadas do séc. IV. Em relação a peças de estilo coríntio, encontramos no Museu Nacional de Roma alguns exemplos. Cf. Gallotini e Lupi, 1991, p. 62 (peça n.º 104); p. 87 (peça n.º 147) e p. 102 (peça n.º 176), são exemplares datados, respectivamente, da primeira metade do séc. IV, séc. IV e séc. VII.

⁶¹ Seguindo as proporções vitruvianas o ábaco deverá corresponder a 1/7 da altura total da peça, ou seja, neste caso concreto, em vez de 2/3 cm ele deveria ter 3,1 cm, o que, de facto, não fica muito longe da dimensão que a peça possui. A pequena altura do capitel, no entanto, pode-nos induzir no erro de considerarmos que o ábaco não tem, no conjunto, o peso suficiente que deveria apresentar. Seguimos, nesta análise comparativa, as normas indicadas na *Enciclopédia dell'Arte Antica*, Atlante, 1973, lâmina 358.

apresenta uma forma semi-rectangular projectada para o exterior, o que será mais comum durante o séc. IV passando a apresentar uma morfologia paralelepípedica ou, esquecendo a sua unidade orgânica, um carácter informe (Pensabene, 1973, p. 240).

Passando ao *kalathos*, este é decorado por dois motivos: duas volutas estilizadas e, na parte inferior, uma coroa de folhas. As volutas apresentam-se tenuemente marcadas por uma relevação que quase poderíamos fazer corresponder a uma nervura de perfil convexo. O remate superior das volutas é espiraliforme, ainda que as mesmas não apresentem qualquer canal e sendo a curvatura realizada por simples incisão. Enrolamentos deste tipo, encontramos-os um pouco por todo o lado em épocas tardias, desde o Norte de África⁶² até Roma⁶³. Poderemos mesmo dizer que é a forma mais expedita e simples de realizar este motivo, fazendo recurso a um simples desbastamento da área envolvente.

Se em relação à realização técnica não podemos tirar grandes conclusões, a forma curiosa como estes elementos se dispõem no *kalathos* talvez nos traga mais alguma informação.

Por um lado, a pouca verticalidade dos talos das volutas indica-nos, à partida, uma cronologia pouco recuada. De facto, a verticalidade das hastes – das volutas e das hélices – é uma característica exclusiva de exemplares mais antigos. Se a sua função original de sustentar o ábaco (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 58) se encontra presente em peças antigas, essa função simbólica começa a ser esquecida a partir dos sécs. II/III (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 144)⁶⁴.

A disposição divergente das volutas, que se elevam a partir da parte superior da folha central da *imma folia*, tem antecedentes antigos constatados a partir do séc. II⁶⁵. No entanto, nestes exemplares a restante decoração da peça é muito distinta, apresentando detalhes, de boa realização, tipificados no séc. II. No caso que ora nos ocupa essa outra decoração não existe, simplesmente, dado que se trata de um capitel de folhas lisas.

Um outro exemplar, desta vez de Roma (Gallottini e Lupi, 1991, p. 62-63)⁶⁶, parece-nos bastante mais próximo do capitel do M.N.A.. Trata-se de uma peça

⁶² Vejam-se os exemplos apresentados por Pensabene, 1986. Vide fig. 56, onde volutas de capitéis jónicos de Tipasa, Gemila (Cuicul) e de Announa (Thibilis) apresentam enrolamentos idênticos. Peças datadas de entre a segunda metade do séc. III até ao séc. VI, p. 422 e ss.

⁶³ Cf. Gallottini e Lupi, 1991, p. 62 e 63, respectivamente peças n.º 102 e 104, datadas, a primeira, do final do séc. III/inícios do IV e, a segunda, do séc. IV.

⁶⁴ Uma outra alteração paralela é a das hastes, que se reduzem, adoptando uma posição quase paralela ao ábaco, para além das terminações espiraliformes se tornarem muito pequenas, *idem ibidem*.

⁶⁵ Cf. Lézine, 1968, p. 61, fig. n.º 34, peça proveniente de Cartago datada do séc. II (p. 58). Ou ainda, Walker, 1979, p. 103-129, concretamente em relação a duas peças depositadas no Sir John Soane Museum, em Londres, datadas uma de 150 e outra da segunda metade do séc. II (ob. cit., p. 120 e 121, figs., respectivamente, 20 e 21).

⁶⁶ Cf. peças procedentes de Salona (bapistério e basílica), as quais, ainda que com uma decoração mais estilizada podem servir, de alguma forma, de paralelo um pouco mais tardio ao capitel do M.N.A. (Kautsch, 1936, Tafel 3, n.º 21, 23, 24 e 26).

datada do séc. IV e se, contrariamente à nossa peça, estamos perante um capitel de pilastra com folhas decoradas, as volutas oferecem um paralelo flagrante.

Vejam agora as folhas que constituem a *imma folia*. A disposição tradicional das duas coroas de folhas foi, neste exemplar, totalmente esquecida. Somente é representada uma coroa e, mesmo em relação a esta, apenas se apresentam quatro folhas em vez das tradicionais oito que os capitéis coríntios ostentam. A existência de uma única faixa de folhas é uma modificação que começa a surgir a partir da segunda metade do séc. III (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 144). Aderem totalmente ao *kalathos* somente dele se desgarrando na parte superior, através de um breve recurvamento maciço para o exterior. Aliás, o próprio contorno destes elementos apenas se realiza na parte final dos mesmos⁶⁷.

Dois exemplares de Beja são relativamente semelhantes (Torres, 1993, p. 45-46)⁶⁸. A cronologia apontada por Cláudio Torres para estes exemplares parece-nos, no entanto, fora dos limites cronológicos em que, pensamos, se poderão enquadrar estas peças. De facto, o autor data estes exemplares de entre o séc. VIII e o séc. IX, ainda que colocando alguma dúvida quanto a tal atribuição. Ainda que nos pareçam peças mais tardias que este exemplar do Alentejo, não aventaríamos datações tão recentes.

Não podemos esquecer, ao analisar este tipo de peças que paralelos rigorosos são difíceis, quando não, impossíveis de encontrar. Tratam-se de produções locais, levadas a cabo por canteiros, mais que por artistas, os quais, em regiões afastadas, não teriam acesso aos modismos importados por classes sociais de outro nível ou por *ateliers* especializados. Se este facto pode ser constatado desde cedo, em épocas mais tardias esses traços acentuam-se, desvirtuando elementos arquitectónicos que passam a funcionar, quase exclusivamente, como elementos portantes esquecendo a função simbólica do objecto.

Resta-nos, por último, comentar um outro motivo que encontramos a decorar as faces livres do *kalathos*. Corresponde este a uma banda plana que, localizada por baixo do ábaco, se liga, verticalmente, à folha central. Este elemento é o correspondente, em peças mais antigas, à haste que conduz à flor do ábaco. É curioso notar como este elemento – que é um dos primeiros a desaparecer na matriz decorativa tradicional⁶⁹ – nos surge, nesta peça, marcando um papel importante na decoração das suas faces centrais. Ainda que característico dos

⁶⁷ Característica que encontramos em peças de mármore do Proconeso, (Pralong, 1993, p. 133-146). Algumas das peças apresentam a coroa inferior de folhas somente explicitada no recurvamento superior, não apresentando qualquer divisão inter-foliar na parte inferior do corpo da peça. Cf., por exemplo, as peças das figs. 17 e 19. Estes exemplares não são, intencionalmente, dados pela autora, que se limita a considerá-las como “peças tardias” (*sic*).

⁶⁸ Peças com os n.ºs de Catálogo, respectivamente, 15 e 16.

⁶⁹ Facto que se constatará a partir do último decénio do séc. II e que se tornará cada vez mais corrente à medida que avançamos na seguinte centúria, (Pensabene, 1973, p. 239) já que os primeiros elementos vegetalistas a desaparecer serão aqueles que, como seria de esperar, pela sua pequena dimensão e pelo trabalho que implicavam, tornariam mais demorada e onerosa a execução das peças.

capitéis de tipo corintizante, como nos ilustram os inúmeros capitéis corintizantes de motivo liriforme, é curioso este motivo aparecer aqui. Sem poder classificar este exemplar como corintizante, é curioso notar, repetimos, a permanência deste motivo no exemplar tardio de folhas lisas do M.N.A.

Os apontamentos cronológicos que indicámos ao longo desta análise não nos permitem obter uma datação menos alargada do que todo o séc. IV. De sabor muito local, apresentando motivos não tipificados na gramática decorativa dos capitéis, os elementos que a peça apresenta levam a considerá-la, no entanto, como produção romana tardia.

4.4.5. Capitel n.º 11

Capitel de reduzidas dimensões composto por duas coroas de folhas lisas.

O aspecto mais curioso desta peça é-lhe conferido pelo ábaco, exageradamente alto em comparação com a restante altura da peça. Os lados são acen-tuadamente reentrantes oferecendo, em projecção, a zona correspondente à flor do ábaco. Este elemento apresenta-se liso, sem qualquer decoração, e com um formato exterior que tende para o circular.

A inabilidade executiva é aqui bem evidente, já que o ábaco apresenta alturas ligeiramente distintas. Consideramos três peças semelhantes, nas quais o ábaco adquire o papel mais importante na composição. A primeira, de Mérida, datada do séc. IV (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 161, fig. 725), apresenta-nos um ábaco idêntico, ainda que a união que este estabelece com a parte do cesto seja distinta da que nos oferece o nosso exemplar. Naquele a união é lógica, havendo uma continuidade entre ábaco/*kalathos*, facto sublinhado pela colocação de uma pequena moldura plana por baixo do primeiro.

A segunda, desta vez de Menorca (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 161, fig. 723) é datada do séc. IV. Apresenta um ábaco relativamente semelhante, mas a altura é mais proporcionada em relação à dimensão total da peça⁷⁰. Por último, uma peça proveniente de Sevilha (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 157, fig. 686) e datada do séc. III mostra-nos um capitel, também de folhas lisas, com um ábaco extremamente alto. Ainda que este elemento não seja semelhante ao do capitel que agora estudamos, demonstra-nos bem a importância que o ábaco pode adquirir em peças deste tipo.

Na peça do M.N.A. é evidente que o ábaco foi entendido como um registo independente encimando uma composição que, por si, e em termos estilísticos e decorativos, era bastante fraca.

⁷⁰ Devendo este elemento, possuir uma altura correspondente a 1/7 da altura total do capitel. Neste caso, a peça do M.N.A. deveria, teoricamente, apresentar uma altura de ábaco de 2,8 cm enquanto que este elemento possui na verdade 3,5 cm. Esta discrepância de proporções confirma-se nos restantes elementos. A *imma folia* deveria possuir uma altura de 5,5 cm e não os 9 cm que apresenta. A *summa folia* atinge uma altura de 14 cm em oposição aos 11 cm que deveria possuir. Com estas alturas distorcidas não existe, evidentemente, espaço para o terceiro registo destinado às volutas e às hélices. Tomámos como norma a reconstituição do capitel coríntio romano segundo a *Enciclopédia dell'Arte Antica*, Atlante, 1973, Lámina 358.

Por baixo do ábaco duas coroas de folhas que ocupam todo o *kalathos*. A superior é composta por quatro folhas angulares que acompanham os ângulos do ábaco e por outras quatro que se localizam por baixo da flor deste. O seu talhe foi realizado com o objectivo de lhes conferir uma liberdade total em relação à parte superior do cesto. Deste modo, as folhas foram libertadas do corpo da peça e do ábaco. Este contorno, bem como o recurvamento acentuado que apresentam na sua parte superior, é sublinhado pelo carácter rígido das folhas da *imma folia*.

A coroa inferior apresenta oito folhas, relevadas e ligeiramente separadas entre si. O formato foleáceo é rectangular e arredondado na parte superior; o recurvamento superior é pouco acentuado. Folhas semelhantes, encontramos-as em inúmeros exemplares de folhas lisas, já que a sua morfologia pouco se altera ao longo dos séculos⁷¹.

Como já referimos em relação a outras peças, é extremamente difícil apontar paralelos com cronologias precisas para este tipo de exemplares. Os poucos motivos decorativos que estes capitéis ostentam, aliados a formas pouco mutáveis, dificultam qualquer atribuição cronológica.

Neste exemplar, a característica mais marcante prende-se com o aspecto maciço do ábaco, colocado na peça de forma pouco elegante. Longe já vão os postulados conceptuais que ligam organicamente as diversas partes da peça, criando um todo que vale pelo conjunto e pela complementariedade de cada um dos seus elementos. Curiosa, igualmente, a morfologia que adopta a parte superior da segunda coroa de folhas. Tratada como se terminasse a peça, a sua individualização em relação ao ábaco é acentuada pela libertação física destes dois elementos, sobretudo na região das folhas centrais, consubstancializada pela profunda ranhura realizada entre os dois elementos.

Encontramo-nos sem dúvida perante um produto local, certamente mais ligado a gostos e modismos regionais do que preocupado em repetir modelos longínquos. Se aliarmos esta ideia ao facto de estarmos em presença de um exemplar tardio, essas características agudizam-se. O produto final é, desta forma, um pequeno capitel destinado a uma construção relativamente modesta, onde importava mais a forma do que pequenos motivos sabiamente esculpidos que não interessavam particularmente a quem os via e que tornavam bem mais onerosa a sua produção. Pensamos que se tratará de uma peça do séc. IV.

4.5. Capitéis corintizantes

4.5.1. Capitel n.º 12

Este exemplar é um pequeno fragmento de um capitel corintizante do qual apenas nos chegou a parte correspondente à base e que abrange uma pequena superfície do *kalathos*.

⁷¹ Cf. exemplares n.ºs 668, 671 e 677, provenientes, respectivamente, de Barcelona, Itálica e de Sevilha, e cuja cronologia que se situa entre os finais do séc. II e o séc. III (Behemerid, 1992, p. 154, 155 e 156).

Nesta zona conservada é possível observar duas folhas inteiras da *imma folia* e o início do arranque da decoração vegetalista da parte superior, ainda que não se consiga identificar o motivo das faces centrais.

Os dois elementos foleácios são iguais, ao contrário do que temos vindo a observar para este tipo de peças, uma vez que não existe uma alternância de folhas de tipos distintos. Assim, encontramos-nos perante folhas do estilo corintizante, compostas por três lóbulos bilobados, de terminação apontada, que se dispõem à volta de uma nervura central relevada ladeada por dois sulcos. As folhas são aderidas ao *kalathos*, desgarrando-se dele na sua parte superior devido a recurvamento externo.

A principal diferença destas folhas é o facto destas não arrancarem da base da peça, como acontece quase sem excepção em todos os exemplares. Por outro lado, os sulcos centrais, correspondentes à nervura, prolongam-se inferiormente e, divergindo entre si, elaboram um pequeno motivo circular por baixo dos lóbulos. Todo o desenho é realizado por incisão, não existindo qualquer recurso ao uso do trépano.

Como tivemos oportunidade de observar anteriormente, estas folhas são bastante vulgares, correspondendo a uma simplificação/estilização das tradicionais folhas de acanto dos capitéis coríntios. Aqui, o desenho e planificação da ornamentação estabelece o arranque das folhas sem ser da base da peça. A prova que não se trata de um deficiente acabamento ou de um trabalho pouco cuidado é a verificação de que a parte inferior das folhas é precisamente a que nos documenta uma maior pormenorização do traço.

Por cima de uma das folhas consegue-se observar ainda o arranque de uma palmeta estilizada com lóbulos marcados por incisão suave mas que ultrapassa, em termos de largura, a folha inferior sobre a qual se sobrepõe. O contorno é perfeitamente contínuo e parece, este sim, prolongar-se até à base da peça, característica que também é invulgar. Idêntica morfologia é-nos oferecida por um exemplar de proveniência desconhecida do actual território espanhol e datado do séc. II (Gutiérrez Behemerid, 1992, p. 191, n.º 829), assim como em relação a algumas peças cordovezas datadas da época de Adriano (Carlos Marquez, 1993, p. 124-125, n.º 232; p. 127, n.ºs 236-237).

Nada mais é possível observar neste exemplar, a não ser, situado por cima da folha contígua à que suporta a palmeta, o arranque do que poderão ser três hastes. Tais elementos poderão corresponder a um motivo liriforme ou, o que nos parece mais viável, ao arranque de uma palmeta central, alta, à semelhança do que encontramos em vários capitéis corintizantes de Alcácer do Sal.

Pelos poucos elementos conservados, não nos é possível precisar uma cronologia para este exemplar, ainda que pensemos tratar-se de um capitel produzido, certamente, durante a segunda centúria.

4.5.2. Capitel n.º 13 e n.º 14

As peças que a seguir analisaremos são dois capitéis corintizantes, incompletos. Apesar de um dos registos de entrada não apresentar o local de proveniência, a similitude entre os dois exemplares, assim como o facto de os núme-

ros de inventário serem sequenciais⁷², leva-nos a concluir, com toda a certeza, que provêm do mesmo local.

Curiosamente, os dois capitéis encontram-se partidos sensivelmente no mesmo local, conservando-se apenas a parte inferior atribuível, em termos decorativos, à *imma folia* e parte do arranque das folhas assim como o início da decoração da segunda coroa.

A *imma folia* é composta por oito folhas que alternam entre si com dois motivos distintos. Um deles poderá corresponder a um tipo de folha corintizante, apesar de estilizada, o outro serão palmetas tradicionais, onde os diversos lóbulos partem, todos eles, da base da folha coincidindo esta com o limite inferior da peça, sem que exista qualquer colarinho ou moldura a estabelecer a terminação do exemplar.

A variação entre dois tipos de folhas é uma composição decorativa relativamente habitual no que diz respeito a capitéis corintizantes. Encontramos tal solução quer em peças provenientes do centro do Império (Pensabene, 1973)⁷³, quer em exemplares das províncias ocidentais. Os paralelos mais próximos encontramos-los em peças da Bética, concretamente de Córdova (Carlos Marquez, 1993)⁷⁴. A Lusitânia com a sua capital – *Emerita Augusta* – apesar de nos oferecer várias peças corintizantes que se podem, de algum modo, aproximar (Barrera Anton, 1984)⁷⁵, não nos fornece grandes paralelos quanto a motivos que possam ser tomados como próximos dos que agora encontramos nos dois exemplares de Odrinhas.

Na região correspondente à Tarraconense (Recasens I Carreras, 1979), os capitéis corintizantes oferecem algumas aproximações mas, essencialmente, ao nível do léxico decorativo, o qual apresenta um número determinado de esquemas ornamentais a decorar este tipo de peças. No entanto, uma peça de Ourense, ainda que do séc. IV, oferece-nos folhas similares às que agora analisamos (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 128, n.º 632).

Parece-nos, não obstante, que as influências ao nível dos capitéis corintizantes, no que diz respeito a estas duas peças, se estabelecem essencialmente, com a região Sul da Península, sendo de salientar o centro cordovês e o emeritense, em termos de composição genérica.

Temos, assim, folhas do tipo palmetas em capitéis emeritenses, semelhantes às peças que agora analisamos. Concretamente um exemplar datado do séc. IV, elemento que nos aparece num capitel que Barrera Anton classifica de “folhas lisas” mas ao qual nos parece mais correcto aplicar a designação de capitel misto ou corintizante. Com efeito, a composição total da peça não nos indica estarmos perante um capitel de folhas lisas uma vez que estes elementos correspondem a palmetas, classificação da qual também discorda G. Behemerid

⁷² Como se pode observar na ficha de catálogo respectiva, o Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia refere, quanto ao exemplar com o n.º E. 6459: “Aquisição de Félix Alves Pereira, capitel calcáreo de Odrinhas”, enquanto que em relação ao segundo a anotação escrita a lápis diz apenas: “capitel para Félix explicar”.

⁷³ Os capitéis corintizantes do catálogo dizem respeito aos números 554-724.

⁷⁴ Os capitéis corintizantes correspondem aos números de catálogo: 228-257.

⁷⁵ Os exemplares corintizantes correspondem aos números de catálogo 62-83.

que o atribui à designação de capitel corintizante (Gutierrez Behemerid, 1992, p. 179, n.º 792).

Mas voltemos aos exemplares cordovezes. Aqui encontramos palmetas muito próximas em peças datadas da época de Adriano (Carlos Marquez, 1993, p. 125, n.º 233; p. 126, n.º 234; p. 128, n.º 240). Um exemplar mostra-nos uma alternância de folhas acantizantes e palmetas, aspecto que, ao invés de ser invulgar em termos decorativos neste tipo de capitéis, se constitui como uma modalidade relativamente frequente. Também em Córdoba, uma peça datada de entre a segunda metade do séc. II e o séc. III, mostra-nos proximidades decorativas a este nível (Carlos Marquez, 1993, p. 133, n.º 251). No entanto, também aqui a diferença se estabelece em relação ao que se considera como “folha acantizante”. Embora aceitemos tal designação, quanto a uma morfologia foleá-cia que passa a ser vulgar a partir da época de Adriano, ela é distinta das que observamos nos capitéis de Odrinhas, razão pela qual designamos por corintizantes as presentes folhas.

Estas apresentam nervura central a qual é materializada por duas nervuras relevadas, ladeadas por sulcos. De cada lado, dispõem-se os lóbulos que arrancam da nervura, talvez em número de cinco, uma vez que não se consegue observar a parte superior da folha dado que, em todas elas, o recurvamento superior se encontra partido. As folhas apresentam um perfil contínuo, estando perfeitamente aderidas ao *kalathos*. Por entre estas elevam-se pequenos caules, hirtos e verticais, que terminam, ao nível da parte superior das folhas, em pequenas pinhas alongadas.

É-nos difícil encontrar paralelos para este motivo. Desconhecemos capitéis que detentem tais elementos. Um exemplar emeritense oferece-nos um elemento próximo, ainda que este corresponda a um bolbo, ou botão, e se posiciona por cima da folha central, terminando junto à flor do ábaco. Esta peça é datada do período de Adriano (Barrera Anton, 1984, p. 52-53, n.º 75).

Não será necessário, no entanto, irmos muito longe para encontrarmos motivos semelhantes. Com efeito, eles podem ser observados, em outros elementos arquitectónicos que não os capitéis, como nos é dado observar em placas de revestimento provenientes de St.^a Vitória do Ameixial, talvez pertencentes ao balneário. Em algumas dessas placas, com decoração vegetalista na cartela interna, encontramos caules compridos que terminam, em bolbo ou flor, de lótus ou de lis. Num deles o bolbo é de forma arredondada e com decoração em reticulado (Matos, 1995, p. 192-193).

De S. Miguel da Mota (Alandroal, Évora) provém uma árula votiva dedicada a Endovélico e que apresenta, a decorar uma das faces laterais, uma pinha. Possui, do mesmo modo, uma decoração em reticulado, apesar de menos perfeito que o observado em St.^a Vitória (Matos, 1995, p. 178-179, n.º 113).

Quer se tratem de bolbos ou de pinhas, a sua simbologia certamente teve maior peso do que a sua simples representação formal. Decoração vegetalista que, do mesmo modo, enriquece estas duas peças de Odrinhas e lhe oferece um cunho original. Apesar de afastados do naturalismo que observamos em St.^a Vitória, também porque estes elementos serão mais antigos, a sua simples presença leva-nos a considerar uma conceptualização do desenho destes capitéis que não se restringiu a uma simples cópia, antes recriou a disposição dos motivos embora imputando-lhe um cunho talvez exógeno.

Nas faces frontais, encontramos uma decoração que podemos fazer corresponder ao bem conhecido “motivo liriforme”. Este ornamento é dos mais correntes nos capitéis corintizantes de época romana. Os capitéis de Óstia, por exemplo, oferecem-nos dezassete exemplares com tal decoração, que, ainda que abranja uma cronologia que vai desde os finais do séc. I até aos inícios do séc. III, se concentra, essencialmente, na segunda centúria (Pensabene, 1973, n.ºs 554-571). O mesmo podemos observar quanto aos capitéis em território espanhol sendo o motivo liriforme um dos mais frequentes (Gutiérrez Behemerid, 1992, n.ºs 794-838) e integrando-se, na sua maioria, também na segunda centúria.

O motivo liriforme das duas peças de Odrinhas, apresenta no entanto, algumas diferenças quanto à forma mais tradicional da sua representação. Com efeito, ele surge-nos aqui mais esquematizado sendo as hastes vegetalistas transformadas em cordões com traços oblíquos, o que as aproxima de simples listéis relevados, semelhantes a listéis sogueados. Dois pequenos círculos que enrolam para o exterior, em forma de báculo, correspondem, no mundo vegetal, às pequeninas folhas que nascem das hastes principais, como podemos observar nas plantas pteridófitas e, concretamente, nos polipódios⁷⁶.

De facto, não nos encontramos, definitivamente, perante uma decoração de cariz naturalista. O léxico é perfeitamente conhecido, enquanto desenho e composição, ou seja, o signo – enquanto representação física da coisa ou da imagem – encontra-se presente. A sua significação foi, não obstante, já esquecida, ainda que mantendo a lembrança do valor de concretizar as suas particularidades vegetais.

Infelizmente, não nos é possível observar a continuação deste motivo. No entanto, tudo nos leva a crêr que se desenvolveria com a evolução das três hastes em altura que, a meio, se uniriam para divergirem novamente em sentido opostos – quanto às duas laterais, já que a central deveria elevar-se verticalmente até atingir a roseta do ábaco – e que terminariam em enrolamento que envolveria uma roseta de cada lado. Tal composição constitui-se como a mais comum.

O motivo central é esquemático mas o léxico decorativo é dos mais habituais da segunda centúria. Por outro lado, o cuidado imposto especialmente no talhe das folhas corintizantes, leva-nos a pensar estarmos perante uma peça de relativa boa época e perfeitamente integrada no tipo de produção deste tipo de elementos. Assim sendo, datamos este exemplar do séc. II, ou talvez de meados ou da segunda centúria do mesmo.

4.5.3. Capitel n.º 15

Se em relação aos dois exemplares anteriores se encontrava conservada apenas a parte inferior dos mesmos, quanto a este, só nos chegou a sua parte superior, correspondente à zona do ábaco e parte do *kalathos* até cerca de metade da sua altura. Este exemplar não possui qualquer registo de entrada pelo que não nos é possível saber a sua proveniência.

⁷⁶ Vulgarmente designados por fetos.

Para além de apenas se conservar parte do capitel, duas das suas quatro faces encontram-se desbastadas, acção que deverá ser posterior à da realização do mesmo, não só porque as superfícies apresentam um bujardado muito grosseiro, mas também porque numa das faces ainda é visível parte da decoração original.

O ábaco é alto encontrando-se decorado, a meio, por uma flor também partida.

Por baixo do ábaco, uma parte rebaixada estabelece a união a uma moldura larga e pouco uniforme que representa o limite superior do cesto da peça. Nos dois ângulos encontramos folhas altas, corintizantes, que se elevariam até ao início do ábaco e que, certamente, apresentariam terminação espiraliforme. Não obstante pensarmos ser esta a sua morfologia, não é possível observá-las uma vez que se encontram partidas e a parte conservada apresenta acentuado grau de desgaste. A semelhança morfológica e estilística destas folhas com as constatadas nos dois exemplares anteriores obriga-nos a colocar a hipótese de esta parte que agora analisamos ter pertencido, originalmente, a um dos dois exemplares precedentes.

Com efeito, o motivo da face central prolonga-se, de forma perfeitamente lógica, pelo motivo liriforme do qual observámos, nas peças anteriores, o respectivo arranque. Parece-nos, deste modo, estarmos perante a parte superior de uma das peças analisadas. A decoração é idêntica. As folhas angulares que arrancam por cima das da *imma folia* – constituindo as folhas angulares correspondentes às volutas –, e as quais nos dois exemplares anteriores só eram visíveis os respectivos arranques, têm aqui a sua explanação até à zona do ábaco. Esta vegetalização das volutas é, aliás, a principal característica da designação deste tipo de peças, distinta da definição de coríntio, alteração deste que pode ser detectada a partir dos sécs. I e II (Pensabene, 1973, p. 218).

O espaço livre entre as duas folhas angulares é decorada por motivo liriforme. Vemos, assim, três hastes – uma central e vertical, e duas laterais que se aproximam entre si na sua parte superior descrevendo uma curva suave – que se elevam até terminarem numa moldura horizontal com sulco paralelo a meio. Dessa moldura saem dois caules, decorados com traços incisivos oblíquos, terminam em enrolamento e encerram duas rosetas quadripétalas com botão central liso relevado. A meio, observa-se uma pequena moldura, ou platibanda, de onde saem as hastes superiores. De facto, na maior parte dos capitéis corintizantes que empregam este motivo, a união dos caules pode ser expressa por pequeno botão ou por pequeno listel. Quanto ao nosso exemplar, esse elemento assume uma enorme importância pelas dimensões que apresenta, chegando a abranger cerca de metade da face livre do *kalathos*. Encontramos molduras semelhantes em peças conservadas no Museu Nacional de Roma e datadas de entre o séc. I e a seguinte centúria⁷⁷, ou em exemplares emeriten-

⁷⁷ Gallottini e Lupi, 1991, p. 42 e 43, n.º 69 – datado da época de Adriano; pp. 44 e 45, n.º 72 – atribuível à época de Trajano; p. 53, n.º 86 – exemplar do séc. II.

ses, concretamente duas peças, uma dos finais do séc. I e outra da época de Adriano (Barrera Anton, 1984, p. 46-47, n.º 62; p. 48, n.º 64).

Assim sendo, confirmamos a datação que apontámos para os dois exemplares anteriores.

4.5.4. Capitel n.º 16

Esta peça é das mais singulares que agora apresentamos no que se refere aos capitéis corintizantes. Tal advém do facto de apresentar três motivos distintos nas faces frontais do *kalathos*, somente se repetindo um deles.

A parte inferior da peça apresenta a superfície muito desbastada pelo que não nos é possível observar toda essa zona a qual abrange todo o perímetro inferior do exemplar, o mesmo acontecendo em relação ao ábaco que também se encontra partido.

A parte inferior do capitel é decorada por uma coroa de folhas, oito no total. Tratam-se de elementos foleácios corintizantes que apresentam uma nervura central relevada ladeada por dois sulcos e da qual partem lóbulos, talvez em número de quatro ou cinco, somente sendo visíveis os dois superiores. Estes são bilobados apresentando uma nervura central em relevo, dispendo-se paralelamente entre si ao longo desta. As terminações são ligeiramente apontadas e as uniões interlobulares são marcadas por ponto de trépano com prolongamento oblíquo, o que nos indica uma realização feita com certo cuidado, onde se procurou disfarçar o ponto conferindo-lhe um carácter mais naturalista ainda que tal efeito não seja, de todo, conseguido. Sulco profundo separa os lóbulos. As folhas são levemente relevadas encontrando-se bastante aderidas ao *kalathos*, desgarrando-se dele na sua parte superior por recurvamento exterior. Este tipo de folha é frequente, consistindo a principal diferença nos pontos de trépano e na sua elevada altura (atingem 14 cm).

Nos ângulos da peça, e por cima das folhas da *imma folia* elevam-se folhas muito semelhantes que, certamente, teriam enrolamento superior espiraliforme substituindo as tradicionais volutas do capitel coríntio. O tratamento dos lóbulos é igual ainda que a terminação dos mesmos possa adoptar uma forma mais romboidal e assemelhando-se, assim, a palmetas. A nervura é, também ela, bastante mais relevada, apresentando-se como uma banda vertical.

As faces centrais desta peça, bastante largas, oferecem-nos três tipos de soluções decorativas o que faz deste capitel um espécime invulgar no que se refere à sua ornamentação.

Temos, assim, um motivo liriforme, que corresponde ao esquema decorativo mais habitual. No entanto, também aqui existem diferenças. Os caules vegetalistas, depois de enrolarem na parte superior, envolvendo as duas rosetas tradicionais, prolongam-se inferiormente encerrando, novamente, outras duas rosetas, desenvolvendo, assim, a forma de um S com os dois caules afrontados⁷⁸. Estes apresentam um tratamento cuidado. Têm uma morfologia similar

⁷⁸ Não confundir, no entanto, com o tradicional "motivo em S" que se encontra também nos capitéis corintizantes, mas onde as hastes descrevem essa forma, geralmente, em sentido horizontal, partindo aquelas dos ângulos superiores da peça.

aos lóbulos que encontramos nas folhas da *imma folia*, bem como nas angulares. Com efeito, são visíveis diversos lóbulos que, pelas separações entre si, e numa primeira observação menos atenta, fariam aproximar as hastes a uma moldura soqueada. Aquelas não chegam nunca a tocar-se e a sua união é estabelecida por uma banda horizontal e estreita. Dessa banda sai um pequeno talo que segura uma outra roseta. As cinco rosetas que decoram esta face são, todas elas, muito similares, apresentando quatro lóbulos relevados assim como o respectivo botão central liso.

Observamos assim, um “barroquismo” na decoração, o qual se confirmará com a decoração das outras faces. Apesar deste número de rosetas e do contorcionismo das hastes não poder ser considerado como uma originalidade, não são muito comuns peças como esta. A repetição do motivo da roseta surge-nos aqui, como uma monotonia temática. Quando aparecem decorações axializadas como esta e localizadas, da mesma forma, por baixo da tradicional flor do ábaco, nunca é uma roseta mas sim um pequeno cálice, minúsculas folhinhas ou, simplesmente, uma haste que preenche essa área, oferecendo assim, uma composição bem mais naturalista do que a presente. Mesmo quando se observam morfologias idênticas, como acontece, por exemplo, em duas peças, uma de Córdova (Carlos Marquez, 1993, p. 136-137, n.º 257) e outra de Óstia (Pensabene, 1973, p. 143, n.º 575)⁷⁹, datadas da época de Adriano, a técnica é distinta uma vez que o conjunto possui uma organicidade que, definitivamente, falta ao nosso exemplar.

Vejamos uma outra face. Desta vez temos dois caules afrontados que partem, um de cada lado, da parte superior das folhas da *imma folia* e localizando-se junto às folhas angulares. No meio, eleva-se uma folha, idêntica às inferiores e às angulares, mas de lóbulos lisos. O motivo da palmeta central é um tema relativamente habitual. Essa decoração verifica-se geralmente em capitéis da época de Adriano, tal como podemos ver em peças cordovezas (Carlos Marquez, 1993, p. 125, n.º 233; p. 127, n.º 236-237; p. 146-147, n.º 277; p. 147, n.º 278).

A junção do motivo da palmeta central, que, por vezes, poderá corresponder a uma folha coríntia ou de acanto espinhoso⁸⁰ com as hastes vegetalistas localizadas uma de cada lado é, no entanto, um motivo menos comum, ainda que não raro. Assim, temos em Óstia vários exemplos que confirmam semelhante composição. Os mais próximos ao exemplar agora em análise correspondem a peças, mais uma vez, datadas da época de Adriano (Pensabene, 1973, p. 142-143, n.º 574; p. 156, n.ºs 641-643), ainda que tal motivo se encontre também em peças de época anterior (Gallottini e Lupi, 1991, p. 80, n.º 50)⁸¹ ou algo posterior (Pensabene, 1973, p. 164, n.º 674)⁸², embora em muito menor número.

⁷⁹ Com uma cronologia que poderá apontar para a primeira metade do séc. II ou ainda para finais de época tardia adriana.

⁸⁰ Por exemplo, um exemplar ostiense bastante antigo encontrado junto ao teatro (Pensabene, 1973, p. 163 e 164, n.º 673), e datado do ano 12 a.C.

⁸¹ Datado da primeira metade do séc. I.

⁸² Exemplar datado da segunda metade do séc. II ou dos primeiros decénios da seguinte centúria, ou ainda p. 170, n.º 710 e datado do séc. IV, aqui, no entanto, o tipo de peça é totalmente distinto uma vez que se refere a um exemplar corintizante correspondente a um capeamento e onde a decoração nos surge em baixo-relevo e realizada de forma muito linear.

Por fim, o último motivo apresenta, mais uma vez, uma derivação do motivo liriforme. Duas hastes entrelaçadas partindo dos ângulos inferiores das palmetas angulares elevam-se cruzando-se sensivelmente no eixo da peça, divergindo em sentidos opostos e retomando nova curva até quase se unirem. A parte final dos dois caules bifurca-se e, enquanto um dos caules finaliza de forma apontada, o outro prolonga-se em enrolamento espiraliforme envolvendo uma roseta (uma de cada lado). Igual enrolamento espiraliforme – mas sem rosetas – pode ser observado nas duas hastes que se elevam do mesmo local daquelas mas que sobem verticalmente até quase atingirem o ábaco.

Antes de mais, gostaríamos de sublinhar que o capitel corintizante permite, mais que qualquer outro, uma liberdade decorativa acentuada. A presente peça é bem disso uma prova com os seus três distintos motivos centrais. Para além dessas várias temáticas, a composição que nos é dada observar nas duas faces restantes, e onde os motivos se repetem, ilustra-nos, de forma exemplar, a adulteração do motivo liriforme tradicional.

Quase poderíamos aplicar as palavras de Pensabene ao analisar o tema da pluralidade de motivos neste tipo de capitel, referindo-se-lhe como “*esplosione di fantasia naturalistica*” (Pensabene, 1973, p. 221). Paralelos também os encontramos nos frescos pompeianos, perante os quais se insurgia Vitruvius quanto à sua elaboração fantasiosa tão afastada da realidade que lhe deu origem.

Quanto ao presente capitel, os motivos empregues são os mesmos da época mais clássica – hastes vegetalistas, rosetas, palmetas, folhas corintizantes – como semelhantes são algumas das composições – motivo liriforme, motivo da palmeta central –. O seu tratamento, a sua organização e esquema decorativo afastam-se, no entanto, e de forma decisiva, dos modelos clássicos.

A execução técnica, ainda que não a possamos considerar como pouco cuidada, tal como nos é comprovado no delinear dos pontos de trépano ou na inclusão de tão elevado número de pormenores decorativos, nada tem a ver com o plasticismo delicado das peças do séc. I e inícios da seguinte centúria, com a sobriedade das peças augustanas ou o contributo helenístico que algumas das peças dessa época nos documentam.

O presente “barroquismo decorativo” oferece-nos superfícies plenas de ornamentos onde, não obstante, se atribuiu maior importância à inclusão dos mesmos do que à sua explanação de forma naturalista e orgânica.

Podemos considerar este capitel como produto distinto de uma época em que, ainda que não esquecidos os signos e imagens, os cartões e os modelos mais tradicionais e habituais nas oficinas da época, esquecida era a sua significância e a sua correcta distribuição. Desenho e plasticidade foram aqui substituídos por multiplicidade e revestimento quase integral de uma superfície, sem que a explanação de um dos motivos suplantasse o esforço de plasmar, na pedra, um elemento de carácter simbólico que valesse por si.

A cronologia que apontamos para este exemplar recai na segunda metade do séc. II ou, mais provavelmente, já no séc. III.

4.5.5. Capitel n.º 17

A classificação deste exemplar como corintizante não se nos depara evidente. Com efeito, pensamos que será perfeitamente pertinente considerar tra-

tar-se de um capitel de folhas lisas, uma vez que a sua morfologia, em termos globais, e que não os decorativos, se aproxima muito mais daquele grupo do que do presente. Apesar destas considerações, aquilo que nos é dado observar é o capitel no seu conjunto, – o que engloba não só a sua morfologia global mas também a sua roupagem ornamental. Assim sendo, o que temos perante nós, qualquer que seja o grau de esquematização ou abstracção que esse mesmo revestimento possa atingir, são folhas decoradas e as faces centrais da peça apresentando um motivo relevado.

Esta peça é composta por uma *imma folia*, constituída por oito elementos foleácios. A sua decoração foi integralmente reduzida ao essencial. Observamos três lóbulos de cada lado da folha ainda que esteja ausente a marcação da nervura central. Em vez disso, os pontos de trépano que marcam as uniões interlobulares são bem acentuados como que marcando, pela sua localização regular e simétrica, o local da nervura. Ausente esta, mas respeitado o seu local no centro da folha, ela somente não se encontra materializada. Dos pontos de trépano, que sofreram um tratamento de disfarce, prolongam-se sulcos, por vezes profundos que, dispondo-se oblíquamente, marcam os diversos lóbulos. O contorno da folha é perfeitamente linear. As folhas apresentam lados verticais que só encurvam na sua parte terminal, onde se observa um recurvamento acentuado da folha que, até aí, se encontrava perfeitamente aderida ao *kalathos*.

As terminações lobulares são rectas uma vez que acompanham, de forma perfeita, o contorno da folha. Os limites desta não chegam a atingir a base do capitel, transformando-se antes numa linha sinuosa que define folha a folha sem nunca ser interrompida.

Dos quatro ângulos da peça elevam-se, por entre as folhas da *imma folia*, quatro elementos foleácios muito semelhantes áquelas, que aqui substituem as tradicionais volutas do capitel coríntio. Estas folhas apresentam bem marcado o sulco central, realizado com talhe em bisel, substituindo a tradicional nervura relevada. As terminações lobulares apresentam-se mais delineadas e denunciando um leve ondeado que as faz aproximar das palmetas angulares dos capitéis corintizantes. Tal pode ser comprovado pela comparação com capitéis de Córdova (Carlos Marquez, 1993, p. 131, n.º 245, datado da época de Adriano e p. 131-132, n.º 247, com uma cronologia já da segunda metade do séc. II) com uma cronologia bastante mais recuada do que, pensamos, se deverá atribuir o presente exemplar.

Em relação às folhas da *imma folia*, encontramos elementos muito semelhantes em peças, também cordovezas, com uma cronologia da segunda metade do séc. III⁸³, ou num exemplar emeritense de idêntica cronologia (Barrera Anton, 1984, p. 58, n.º 88). O perfil do recurvamento exterior da folha aproxima-se, morfologicamente, de capitéis deste tipo que encontramos na Mesquita de Kairouan (Harrazi, 1982, n.º 128 e ss.) ou em peças ostienses datadas do séc. III ou já da centúria seguinte⁸⁴.

⁸³ Carlos Marquez, 1993, p. 134, n.º 253, de notar que, neste exemplar, o paralelo é-nos oferecido pelas folhas angulares; e p. 149, n.º 283, datado da terceira centúria.

⁸⁴ Pensabene, 1973 p. 126, n.º 492 e 494, o primeiro do primeiro quarto do século IV e o segundo com uma cronologia que aponta para os últimos decénios do séc. III ou os inícios do IV.

As faces livres do *kalathos*, bastante largas, apresentam uma decoração simples que consiste em duas hastes que, partindo sensivelmente do meio das folhas angulares, se dirigem para o centro da peça, marcando o eixo da mesma que coincide, superiormente, com a flor do ábaco. Unem-se a meio formando aquilo que parece ser uma pequeno losângulo rebaixado. As hastes são grossas e apresentam, de um e outro lado do seu contorno, marcações lobulares similares às constatadas anteriormente. Depara-se-nos estranho este motivo. Com efeito, não sabemos se esta morfologia do motivo central corresponderá a uma estilização, e vegetalização, das tradicionais hélices que encontramos no capitel coríntio. Assim sendo, peças como as de Solona, correspondentes a capitéis de folhas lisas, poderiam ser aproximadas, ainda que estas apresentem as hélices como banda lisa e estreita⁸⁵. Por outro lado, poderão ser entendidas como uma estilização do “motivo em duplo S” que encontramos nos capitéis corintizantes⁸⁶.

As rosetas, ainda que ausentes na decoração das faces frontais do exemplar, surgem-nos aqui exageradamente estilizadas, localizadas superiormente de um e do outro lado das folhas angulares. Adoptam a forma de discos planos onde, de forma incisa, são marcados dois traços perpendiculares entre si.

O ábaco é recortado e de lados côncavos, apresentando uma moldura recta mais reentrante que o cesto da peça. A meio das faces, encontramos um motivo alongado que, ultrapassando o ábaco, se eleva a partir das hastes vegetalistas que decoram as faces da peça. Quase semelhante a um bolbo de formato triangular, apresenta breves incisões verticais. Ainda que não seja fácil encontrar uma motivo decalcável, encontramos soluções várias que podem ser aproximadas, ou representando bolbos, botões ou mesmo sem se lhes descortinar um qualquer paralelismo com o mundo natural, geralmente decorando peças de época mais tardia como seja o séc. III e IV.

Encontramo-nos assim, perante um capitel que corresponde, quase diríamos, a um compromisso entre o capitel de folhas lisas e o capitel corintizante, o que nos prova, à partida, uma apreensão perfeitamente conseguida de ambos os tipos. A decoração, estilizada, simplista e repetitiva, não apaga uma certa originalidade, bem como um cuidado executivo que quase chega a ser pormenorizado. Do trépano retirou a lembrança, afinal a imagem mais forte dos bem conhecidos capitéis corintizantes de época flávia e do séc. II. Dos capitéis de folhas lisas, que foram empregues em número considerável na Lusitânia Ocidental, utilizou a forma, o lançamento das folhas, a morfologia das volutas. Perfeitamente romano anuncia já novas etapas evolutivas que iremos encontrar em épocas posteriores para este tipo de elementos.

Apesar de se tratar de uma peça bastante tardia não deixa, por tal razão, de constituir um belíssimo exemplar de época romana onde a decoração, levada ao extremo da simplificação não deixa, por tal facto, de encerrar uma memória viva dos traços mais característicos daqueles capitéis que, na Península, mais aceitação tiveram. Datamos este exemplar do séc. IV.

⁸⁵ Kautzsch, 1936, Tafel 4, n.º 38, exemplar proveniente de Solin (Gradina).

⁸⁶ Pensabene, 1973, p. 157, n.ºs 644, 645, 646. Ainda que estes exemplares apresentem uma cronologia que varia entre o séc. II, para a primeira peça, e os sécs. II/III para os dois últimos.

4.6. Capitéis compósitos

4.6.1. Capitel n.º 18

Esta peça é composta por duas coroas de folhas coríntias. O eixo das mesmas é constituído por uma nervura vertical central, larga e rodeada por dois finos sulcos. Abrange toda a altura da folha até ao recurvamento superior desta, ainda que aqui as folhas se encontrem partidas.

A nervura central oferece-nos especial efeito plástico devido à sua verticalidade. Nervuras semelhantes encontramos numa peça ostiense datada do séc. II (Pensabene, 1973, p. 68, fig. 269)⁸⁷, ou ainda em dois exemplares de Córdova datados de entre o séc. III e o séc. IV (Carlos Marquez, 1993, p. 121-122, fig. 226; p. 120-121, fig. 224)⁸⁸. Um outro paralelo muito próximo é-nos dado por um exemplar de Los Villares (Zarzilla de Ramos, Lorca) (Martínez Rodríguez, 1988, p. 190, 192-193, Lâm. IIIa e fig. 3). As folhas, muito alongadas e de um tipo que iremos encontrar (sobretudo em capitéis corintizantes) a partir do séc. II, apresentam uma nervura precisamente igual à do nosso exemplar. Ainda que estejamos em presença de um capitel corintizante com faces lisas, é curiosa a total verticalidade da nervura que somente se interrompe superiormente aquando do reviramento da folha, à semelhança do que encontramos no capitel do M.N.A. Aquele exemplar é datado da segunda metade do séc. III⁸⁹.

A verticalidade da nervura opõe-se, como já tivemos ocasião de observar em capitéis anteriores, à morfologia apresentada por nervuras de peças julio-claudianas, as quais adoptam uma orientação ligeiramente oblíqua ou então um estrangulamento mediano prolongando-se, superior e inferiormente, em direcções divergentes⁹⁰.

Relativamente aos lóbulos somente nos é possível observar três, de cada lado do eixo da folha, dado que o mau estado de conservação da superfície não permite analisar com detalhe os seus pormenores. Os lóbulos apresentam-se divididos em duas pequenas folhinhas de contorno amendoado, como é típico do *acanthus mollis*. Um detalhe, no entanto, nos

⁸⁷ Corresponde a um capitel coríntio.

⁸⁸ Concretamente, o primeiro exemplar corresponde a um capitel compósito com duas coroas de folhas corintizantes, onde o pormenor da nervura somente é observável na *imma folia*, é datado do séc. III/IV. A segunda peça é também um capitel compósito com uma cronologia um pouco mais recuada, correspondente à primeira metade do séc. III.

⁸⁹ Ahamos um pouco estranha esta atribuição cronológica, já que todos os paralelos que o autor apresenta correspondem ao séc. II. De facto, estas folhas encontram-se perfeitamente tipificadas na gramática decorativa deste tipo de peças a partir do séc. II, caso evidente nos capitéis corintizantes que surgem com Adriano (Pensabene, 1973, figs. 560 e ss). Quanto a este capitel de Los Villares, ele é tanto mais curioso quanto a existência de faces frontais sem qualquer decoração poderá corresponder, não a qualquer opção decorativa mas, simplesmente, ao facto de estarmos em presença de uma peça inacabada. O facto do ábaco apresentar uma modelatura cuidada aponta igualmente nesse sentido, uma vez que pensamos não existir qualquer lógica em decorar o ábaco em detrimento das faces da peça.

⁹⁰ Como se pode ver em exemplares compósitos de Évora.

chama a atenção: trata-se do facto da divisão lobular superior se sobrepor ao lóbulo inferior contíguo. Este aspecto somente começa a ser constatado a partir do séc. II⁹¹, ou um pouco antes, constituindo-se como um pormenor importante quanto a atribuições cronológicas, correspondendo, ao mesmo tempo, a uma particularidade decorativa e técnica que desaparecerá em peças mais tardias.

Não conseguimos perceber, em relação às folhas da *imma folia*, qual a altura que elas atingem, pois o tipo de material empregue, o granito, agrava a definição dos diversos motivos. Com efeito, parece-nos que as folhas inferiores se prolongam até uma altura considerável e, a ser assim, possuiriam certamente mais lóbulos, talvez em número de cinco. Ainda mais difíceis de observar são as folhas da segunda coroa, já que aí os elementos se encontram menos planificados, seguindo o encurvamento suave que o corpo da peça possui.

Um aspecto importante é a morfologia rectangular destas folhas inferiores. Essa forma é-lhes sublinhada por um sulco profundo, vertical, que separa as folhas entre si, sulco esse que não se prolonga até à base da peça e que se posiciona no eixo das folhas da segunda coroa, estabelecendo, deste modo, quase uma continuação entre sulco separador, na coroa inferior, com a canelura central das folhas superiores. Estas folhas, altas e rectangulares, assemelham-se, assim, aos elementos foleácios que observamos no coríntio-itálico⁹², facto que nos introduz numa nova corrente tipológica do capitel coríntio.

O tipo coríntio-itálico aparece em ambiente etrusco no séc. III a.C. e será a variante mais comum nesta região, sobretudo durante as duas centúrias seguintes, devendo as suas características essencialmente a um contributo tardo-helénístico, ainda que, alguns autores, apontem antes uma origem siciliana (Bufe, 1987). Caracteriza-se por apresentar duas coroas de folhas, a inferior muito alta em relação à segunda e com os lóbulos tripartidos. As hélices e as volutas nascem da base da peça.

Partindo do princípio de que estamos perante uma peça coríntia-itálica a análise que acima realizámos quanto à nervura central torna-se muito mais compreensível já que, neste tipo de peças, a nervura adquire, quase invariavelmente, a forma vertical relevada e ladeada por dois sulcos⁹³.

No entanto, se a analogia das folhas se mostra simplificada, muito mais complexo se torna o facto de estarmos perante uma peça que é, ao mesmo tempo, coríntia-itálica e compósita. Esta atribuição deve-se à existência de um registo jónico superior, o qual, pelas características que adiante explicitaremos, será morfologicamente integrável numa época mais tardia da observada para

⁹¹ A fim de se tornar mais perceptível esta constatação cf. com o capitel n.º 524 do catálogo apresentado por Gutierrez Behemerid, 1992, p. 116, fig. 524, proveniente de Segóbriga e datado ainda da segunda metade do séc. I.

⁹² Acerca da origem e características deste tipo de capitel *vide* Pensabene, 1973, p. 203 e 204.

⁹³ Cf. Gutierrez Behemerid, 1992, n.ºs 129-153, exemplares que correspondem, na sua totalidade, a capitéis deste tipo e que são, sintomaticamente, todos os coríntio-itálicos referenciados pela autora para a Península Ibérica.

peças simples do coríntio-italico, correspondentes estas, em termos gerais, aos finais da época republicana e ao séc. I⁹⁴.

Não existem no *kalathos* nem hélices nem volutas, o que é compreensível pois, tratando-se de um capitel compósito, esse último elemento estaria representado no registo jónico superior. Quanto às hélices, não existe na realidade espaço para a sua representação. A inclusão do equino termina o cesto coríntio praticamente ao nível da parte superior da *summa folia*. Por entre essas folhas podem-se observar uns pequenos motivos em forma de cálice, o que, a tratar-se de um coríntio-italico, poderia corresponder a uma esquematização das hélices, ou seja, uma adequação hábil resultante da inclusão quase simbólica de um motivo típico do léxico habitual, numa peça que, porque distinta morfologicamente, não previa fisicamente a sua presença.

As volutas encontram-se partidas e estariam localizadas já no registo jónico. Este é extremamente diminuto, correspondendo a menos de 1/5 da altura total da peça. A diminuição do equino é uma característica que se observa, essencialmente, em época tardia, onde as proporções da peça se afastam da composição orgânica das diversas partes. Assim, a partir, principalmente, do séc. IV, constatamos uma diminuição desta parte da peça, facto que ocorre simultaneamente com uma simplificação dos seus elementos⁹⁵.

O equino é composto por três semi-óvulos, de perfil arredondado inferiormente e separados entre si por aquilo que nos parecem ser pontas de flecha de igual altura que aproveitam as molduras que envolvem os óvulos para a sua definição.

A separação entre os dois registos decorativos é assinalado por uma moldura lisa, de perfil convexo, o que nos leva a apontar datações um pouco mais recuadas que o séc. IV, altura em que passa a ser comum "...l'unione, senza alcunna solcatura o listello di separazione, tra il kalathos e l'echino, che così fanno blocco unico..." (Pensabene, 1973, p. 247). Porém, se esta característica é usual em Óstia, onde Pensabene indica várias peças onde se pode constatar tal modificação, os exemplos por ele apontados dizem respeito a capitéis compósitos de folhas lisas. A peça do M.N.A., para além de ser intensamente decorada, prescreve uma separação nítida entre registos decorativos, consubstanciada numa molduração saliente, a qual implica, devido à sua horizontalidade, mais que pela sua morfologia, uma distinção entre a leitura vertical dada pelas folhas exageradamente altas, e o registo superior horizontal.

⁹⁴ Baseamo-nos nas atribuições cronológicas apontadas por Gutierrez Behemerid, *vide n. anterior*. No catálogo apresentado por Carlos Marquez, em relação aos capitéis de Córdova, somente é referenciada uma peça, aliás muito fragmentada, que o autor classifica de coríntio-italico, de entre as 183 peças coríntias. Para este exemplar é apontada uma cronologia dos finais da República (Carlos Marquez, 1993, p. 35, fig. 37). Quanto às peças ostienses (Pensabene, 1973, Catálogo), nenhuma de entre elas nos mostra esta associação entre coríntio-italico e capitel compósito.

⁹⁵ PENSABENE, 1973, p. 247, "... una tendenza a semplificare e a restringere l'echino, comprensibile venendo prodotti questi capitelli in piccole officine che avevano in parte perso il senso dell'ornato tradizionale".

O equino não apresenta canal de voluta, terminando superiormente em linha horizontal e projectando-se em relação ao ábaco. Este é alto e possui um pequeno listel a decorá-lo.

Estamos, assim, perante uma peça de difícil integração tipológica. O mau estado do exemplar não nos permite uma confirmação da hipótese de se tratar de um exemplar coríntio-itálico, o que, a comprovar-se, o transformaria num elemento extremamente curioso para o qual não encontramos paralelos. De facto, a associação entre o coríntio-itálico, que aponta para antecedentes mais antigos, e um registo jónico que, pelas suas características intrínsecas aponta para uma época mais tardia, torna problemática uma atribuição cronológica. Estes aspectos, conjugados com o facto de, morfologicamente, esta peça corresponder a um capitel compósito, que se torna mais comum essencialmente a partir da época flávia, dificultam ainda mais a sua análise.

A peça do M.N.A. não equivale, como já referimos, a um coríntio-itálico típico. Estamos, desta forma, perante um tipo de transição e a ser considerada como um coríntio-itálico, comprovará uma difusão muito mais extensa, ainda que circunscrita, deste tipo de capitel, sendo o único exemplar detectado na área geográfica deste estudo.

Apesar de todas as dificuldades de uma atribuição cronológica, como temos vindo a referir, aliadas ao facto de não termos identificado qualquer paralelo para esta associação de coríntio-itálico/compósito, as comparações mais próximas que observamos apontam-nos, em termos estilísticos, o séc. III como a época da sua realização.

6. Conclusões

Os exemplares que apresentamos não serão representativos para a obtenção de conclusões respeitantes às ordens arquitectónicas preferenciais em território nacional durante a época romana. Tal deve-se a dois factores principais, por um lado porque o número de capitéis não se constitui como uma amostragem suficiente em termos numéricos e, por outro, porque a sua recolha não foi arbitrária, correspondendo, como já havíamos referido, a um maior cuidado e a uma mais intensa recolha na área da capital, devido simplesmente à localização do Museu Nacional de Arqueologia nesse local.

Se, por um lado, não nos parece pertinente extrapolar-mos quaisquer conclusões para estabelecer uma quadro decorativo arquitectural para o território actualmente português, não poderemos deixar de considerar este conjunto como um indicador.

Antes de mais, e observando o quadro que a seguir se apresenta, constatamos que o maior número de peças se concentra nas épocas mais tardias, concretamente no séc. IV.

Poderemos apontar algumas hipóteses interpretativas. Por um lado, as peças de época mais tardia serão aquelas que, logicamente, terão perdurado até épocas mais recentes. Por outro lado, devido ao tipo de decoração que possuíam terão sido as menos procuradas, porque menos ostentatórias, para posteriores reutilizações. Temos, deste modo, um predomínio dos capitéis derivados das ordens canónicas, como seja o caso dos capitéis de folhas lisas, para o séc. IV e, de 4 capitéis corintizantes para o séc. II.

QUADRO 4

Séculos	Dórico	Jónico liso de influência toscana	Jónico	Folhas lisas	Corintizante	Compósito	Total
I		***					3
I / II	*						1
II					****		4
II / III					*		1
III			*			*	2
III / IV			*	*			2
IV				****	*		5

Um outro facto a ressaltar é o da inexistência de capitéis coríntios. Esta foi a ordem de eleição, por excelência, de todo o Império Romano e depara-se-nos estranho o facto de não existir nenhum exemplar no conjunto que agora analisamos. A explicação que oferecemos relaciona-se intimamente com as anteriores considerações. Ou seja, com o facto de capitéis como estes, com profusa decoração e obedecendo, decorativa e morfologicamente a regras canónicas –elaboradas por mestres estrangeiros em oficinas de talhe especializadas, ou correspondendo a peças importadas–, terem sido reempregues posteriormente. Comparando com os capitéis jónicos, que neste conjunto são dois, datados entre os sécs. III e IV, parece que esta ordem que, no centro do Império Romano, rapidamente foi preterida pela ordem coríntia, parece ter-se prolongado nas províncias até épocas mais tardias. No entanto, a ordem jónica que nos aparece é já desvirtuada, com pormenores decorativos esquecidos e oferecendo uma ornamentação muito mais simplificada.

Por último, um outro aspecto que gostaríamos de salientar é o da totalidade das peças corresponderem a produtos locais. Nenhum dos exemplares parece ter saído das mãos de grandes mestres ou de oficinas especializadas, ainda que certos exemplares mantenham pormenores decorativos que, certamente, se deverão a uma tradição mais antiga de realização e de emprego deste tipo de peças. Os vários motivos aparecem-nos sem qualquer organicidade lógica entre si, afastando-se da proximidade que originalmente manteriam com o mundo natural que lhes deu origem. A presença destes elementos –das pequenas folhas, das rosetas, dos caules, das hastes, das perólas ...– é importante somente por esse mesmo facto, pelo facto de existirem, o de serem traduzidos na pedra, o de poderem ser observados mesmo que não compreendidos.

Glossário

Ábaco – parte superior do capitel, estabelece a ligação entre o fuste e o entablamento do edifício. Geralmente quadrado, os seus lados oferecem uma curvatura reentrante em cada uma das faces, no meio das quais se encontra geralmente um motivo decorativo.

Acantizante – relativo a acanto. Aplica-se, geralmente, em relação às folhas que, não sendo verdadeiras folhas de acanto, as tentam copiar de forma mais ou menos próxima.

Acanto – diz respeito à folha do mesmo nome.

Acanthus mollis – tipo de folha de acanto mais empregue na decoração dos capitéis do mundo Ocidental, oferecendo terminações lobulares levemente apontadas ou arredondadas. Distingue-se de outros tipos de acanto, como é o caso do acanto espinhoso.

Acanto espinhoso – tipo de folha de acanto que apresenta as respectivas terminações lobulares muito apontadas e com um acentuado aspecto geométrico. Observa-se sobretudo em capitéis de influência oriental.

Astrágalo – moldura, geralmente relevada e de perfil convexo, que é decorada por vários elementos, geralmente dardos ou discos duplos, e pérolas.

Balaústre – corresponde ao termo latino *puluinus*. No que diz respeito ao capitel jónico ou no tipo “jónico liso de influência toscana” (para além dos que associam, na sua decoração, o registo jónico, como acontece com o capitel composto ou, por vezes, o misto), este elemento corresponde à parte lateral das volutas. Elemento horizontal, geralmente contracurvado que as une lateralmente. Esta forma do capitel jónico corresponde ao tipo canónico definido por Vitruvius, o mais comum, em oposição à sua variante diagonal. O termo português “balaústre” foi empregue com mais regularidade a partir do Renascimento.

Balteus – termo latino que significa a parte central do *puluinus* ou balaústre. Apresenta-se geralmente decorado e rodeado por molduras. Com o mesmo significado emprega-se o termo Fuso, ou o termo castelhano balteo.

Cálice – pequeno cálice de carácter foleácio, o qual pode adoptar várias morfologias. Pode ser semelhante a um pequeno botão ou muito próximo ao de uma flor de liz. Outras vezes pode corresponder, simplesmente, a duas meias-folhas afrontadas.

Canal da voluta – banda ou faixa que une as volutas e se prolonga por elas. Posiciona-se por cima do *kyma* e pode apresentar-se liso ou decorado.

Caulículos – associados geralmente ao capitel coríntio. Correspondem a pequenos caules que se elevam por entre as folhas de segunda coroa. Em outros tipos ou variantes de capitéis estes elementos podem-se dispôr de forma diferente, como acontece no coríntio-itálico, uma vez que os caulículos partem da própria base do capitel. A sua parte superior regista um alargamento podendo apresentar uma terminação simples ou decorada.

Cesto – corpo do capitel, exceptuando o ábaco. Significa o mesmo que o termo *kalathos* e é geralmente empregue para capitéis coríntios e suas derivações.

Colarinho – pequena moldura de secção convexa. No que se refere aos capitéis, o termo é mais correntemente empregue para designar a moldura que finaliza o capitel na sua parte inferior. Apresenta-se liso ou decorado.

Equino – registo jónico dos capitéis dessa ordem. Geralmente decorado com óvulos ou semi-óvulos e com elementos separadores entre aqueles finalizando, nos ângulos, por volutas espiraliformes.

Flechas (pontas de) – elementos de separação dos óvulos ou semi-óvulos que decoram o *kyma* jónico. Correspondem morfologicamente à estilização da parte final de uma flecha. No presente trabalho somente aplicamos esta designação quando existe uma separação física entre as pequenas hastes da flecha que se afastam da haste central vertical.

Flor do ábaco – pequena flor que decora as faces do ábaco. A sua tipologia varia muito podendo corresponder a flor de margarida, pequeno cálice, roseta, etc.

Fuso – corresponde à parte central do *puluinus*/balaústre. É geralmente decorado no seu interior e ladeado por molduras, simples ou compostas. Tem a sua correspondência, no que se refere aos capitéis, com o termo castelhano “balteo” ou com o termo latino “*balteus*”.

Hélices – pequenas hastes localizadas por baixo do ábaco e, geralmente, por cima da segunda coroa de folhas apresentando uma terminação espiraliforme.

Hypotrachelio – elemento do capitel toscano e do tipo “jónico liso de influência toscana”. Localiza-se a seguir ao equino e antes do sumoscapo.

Imma folia – também se empregam, em alternativa, os termos “coroa inferior” ou primeira coroa. Corresponde à coroa inferior de folhas do capitel coríntio e suas derivações. Localiza-se junto à base do capitel, quase sempre em número de oito, rodeando todo o perímetro do mesmo.

Imoscapo – parte inferior do fuste.

Kalathos – significa o mesmo que o termo “cesto”. É o corpo do capitel, exceptuando o ábaco.

Kyma – registo jónico dos capitéis dessa ordem. Geralmente decorado com óvulos ou semi-óvulos e apresentando elementos separadores entre aqueles.

Lancetas – elementos de separação dos óvulos ou semi-óvulos que decoram o *kyma* jónico. São pequenas lanças estilizadas, geralmente representadas de forma relevada e adoptando uma morfologia longilínea, geralmente de formato triangular na sua parte inferior.

Lingueta – motivos longilíneos que geralmente se apresentam em associação, dispendo-se justapostos e paralelamente. Pequenas bandas separadas entre si por pequeno sulco e com terminações mais ou menos arredondadas.

Lóbulos – correspondem aos lóbulos das folhas. De um e do outro lado da nervura de uma folha existem pequenos lóbulos que correspondem aos vários recortes que o contorno da folha apresenta. Estes lóbulos podem adoptar várias formas: romboidais, apontadas, em forma de gota, arredondadas, circulares, triangulares, etc.

Orla do kalathos (ou do cesto) – moldura, quase sempre convexa, que delimita superiormente o corpo do capitel e localizada imediatamente por baixo do ábaco.

Óvulos – motivo semelhante a um ovo adoptando a forma do seu contorno.

Palmeta – folha que tem paralelos no mundo vegetal com a palma. A principal característica definidora é o arranque dos diversos lóbulos que, ao contrário de outro tipo de folhas, arrancam da base da folha e não da nervura central da mesma.

Primeira coroa – também se emprega, em alternativa, os termos *imma folia* e coroa inferior. Corresponde à coroa inferior de folhas do capitel coríntio e suas variantes, localizando-se junto à base do capitel. É composta quase sempre por oito folhas, as quais rodeiam todo o perímetro do capitel.

Puluinus – também se utiliza o termo balaústre. Termo latino que significa coxim ou almofada sendo empregue em vários contextos. No que diz respeito ao capitel jónico ou no tipo “Jónico liso de influência toscana” (para além dos que associam, na sua decoração, o registo jónico), corresponde à parte lateral das volutas, elemento horizontal, geralmente contracurvado que se une lateralmente. Esta forma do capitel jónico corresponde à forma canónica definida por Vitruvius, a mais comum, em oposição à variante diagonal.

Scamillus – quadrado portante por cima do ábaco ou em sua substituição. Geralmente é reentrante em relação áquele elemento.

Segunda coroa – também se empregam, em alternativa, os termos *summa folia* e coroa superior. Corresponde à coroa superior de folhas do capitel coríntio localizando-se por cima das folhas da coroa inferior. Estas folhas podem surgir por entre as inferiores ou no mesmo alinhamento destas.

Semi-óvulo – motivo correspondendo à forma de um ovo mas cortado na sua parte inferior ou superior.

Semi-palmetas – palmetas estilizadas que derivam da folha de palma. Tal como as palmetas, os lóbulos que apresentam, geralmente em número de três, partem da base da folha e não da nervura central.

Soguada – palavra que deriva de “soga” que significa corda. Quando é empregue em relação aos elementos arquitectónicos decorativos significa moldura em forma de corda.

Summa folia – também se emprega, em alternativa, o termo coroa superior. Corresponde à coroa superior de folhas do capitel coríntio localizando-se por cima das folhas da coroa inferior. Estas folhas podem surgir por entre as inferiores ou no mesmo alinhamento destas.

Sumoscapo – parte superior do fuste. No que diz respeito aos capitéis Dóricos, Toscanos e tipo “Jónico liso de influência toscana”, esta parte encontra-se incluída no próprio capitel.

Toro – corresponde às faces laterais do capitel jónico ou, mais correctamente, ao tipo “jónico liso de influência toscana”. Somente empregamos este termo no que se refere a este último tipo de capitel, uma vez que adopta um perfil totalmente recto, sem qualquer curvatura.

Unões interlobulares – diz respeito à zona de contacto entre dois lóbulos contíguos. Essa separação pode ocorrer, criando pequenas áreas rebaixadas que adoptam geralmente morfologias de carácter geométrico ou, pelo contrário não se registar, o que ocorre quando os lóbulos se dispõem paralelamente sem existir qualquer zona mais rebaixada a consubstanciar tal separação.

Volutas – características dos capitéis jónicos podem, no entanto, estar também presentes em outros tipos de capitel. Correspondem a duas hastes que se localizam por baixo do ábaco e que, projectando-se externamente apresentam uma terminação espiraliforme que constitui os ângulos do capitel.

Catálogo

Abreviaturas (dimensões):

Alt.cons. – altura conservada; Alt. – altura total; Ab. – altura do ábaco; Pl. – altura do plinto; Dim.Ab. – dimensões do ábaco; Dim.Pl. – dimensões do plinto; Eq. – altura do equino; Hyp. – altura do *hypotrachelium*; Sum. – altura do sumoscapo; Diam. – diâmetro da base da peça; Per. – perímetro da base da peça; Dim.max. – dimensões máximas; Larg.b. – largura da base da peça; Diam.Pulv. – diâmetro dos balaústres / toros; Diam.Vol. – diâmetro das volutas; Larg.eq. – largura do equino; Larg.pulv. – largura do *pulvinus*; Cor1 – altura da *imma folia*; Cor2 – altura da *summa folia*.

Capitel n.º 1

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (Reservas); Classificação – capitel dórico de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm)

– Alt. – 14; Ab. – 29; MOLD. – 3; Hyp. – 6; Diam. – 18; Ab. – 4; Est. Cons. – bom; Bibliografia – Fernandes, Lídia Maria Marques, *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*, Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997, 4 Volumes (peça n.º 2); Observações –.

Técnica – Vestígios de escopro de bisel no lado do ábaco bem como nas molduras inferiores. Uso de picão de ponta na parte inferior.

Capitel n.º 2

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (jardim); Classificação – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; Matéria – granito de grão médio; Dimensões (cm) – Alt. – 35; Ab. – 9; Diam. Ab. – 47x45; Eq. – 7; Hyp. – 9; Sum. – 10; Per. – 105; Diam. – 32; Diam. Pulv. – 6,5; Est. Cons. – razoável; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 43); Observações –. Técnica – não perceptível.

Capitel n.º 3

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (jardim); Classificação – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; Matéria – granito de grão médio; Dimensões (cm) – Alt. – 45; Ab. – 8; Diam. Ab. – 48x43; Eq. – 8; Hyp. – 13,5; Sum. – 15,5; Per. – 104; Diam. – 33; Diam. Pulv. – 8; Est. Cons. – razoável; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 44); Observações –. Técnica – não perceptível.

Capitel n.º 4

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (jardim); Classificação – capitel jónico liso de influência toscana, capitel de coluna; Matéria – granito de grão grosso; Dimensões (cm) – Alt. – 43; Ab. – 10; Diam. Ab. – 51 (?x51 (?); Eq. – 11; Hyp. – 12; Sum. – 10; Per. – 104; Diam. – 32; Diam. Pulv. – 10; Est. Cons. – muito mau estado de conservação; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 45); Observações –. Técnica – não perceptível.

Capitel n.º 5

N.º Inv. – E.7264; Proveniência – Concelho: Lisboa; Freguesia: Sé; Local: Rua das Canastras, n.º 7; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel jónico de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt. – 19; Diam. – 40; Dim.Pl. – 33x34; Pl. – 5; Larg. eq. – 48; Larg.pulv. – 33; Est. Cons. – bom. Bibliografia – Deverá corresponder à peça que Vieira da Silva refere: Silva, Acerca Moura de Lisboa, ed. C.M.L., Lisboa, 1939, p. 119. Irivalva Moita refere a informação sup. cit. – Moita, Irivalva, Livro de Lisboa, Lisboa, 1994, p. 66, n. 84; Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 53); Observações – No Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia podemos ler a seguinte informação: “Capitel jónico de calcáreo ornamentado, aparecido no mesmo local da lápide”. Refere-se à Rua das Canastras n.º 7, tendo sido uma peça oferecida pela firma comercial Rodrigues e Irmão & Companhia, da Rua dos Bacalhoeiros, n.º 88/94. Técnica – Utilização de escopro ou punção de bico nos pormenores decorativos, bem como escopro de bisel em uso frequente nas molduras do equino.

Capitel n.º 6

N.º Inv. – E.6466; Proveniência – Concelho: ?; Freguesia: ?; Local: arredores de Lisboa; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel jónico de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt. – 22; Diam. – 30; Dim.pl. – 27x26; Pl. – 9; Larg.eq. – 27; Larg.pulv. – 24; Est. Cons. – bom; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 54); Observações – o Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia possui, para as peças compreendidas entre os n.ºs 6463-6470, a seguinte informação: “capitéis para Félix explicar. Arredores de Lisboa”. Técnica – Emprego de cinzel de ponta e de bisel nos pormenores decorativos. Escopro de sulco mais profundo em alguns detalhes. Bujardado grosseiro no plinto e na base da peça.

Capitel n.º 7

N.º Inv. – E.6467; Proveniência – Concelho: ?; Freguesia: ?; Local: arredores de Lisboa; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel coríntio de folhas lisas, capitel de coluna de adossamento; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt. – 32,5; Ab. – 3; Per. – 75; Diam. – 24; Cor1 – 10; Cor2 – 19; Est. Cons. – bom; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 91); Observações – o Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia possui, para as peças compreendidas entre os n.ºs 6463-6470, a seguinte informação: “capitéis para Félix explicar. Arredores de Lisboa”. Técnica – Utilização de escopro de ponta nos pormenores decorativos, bem como de abrasivos de polimento na superfície.

Capitel n.º 8

N.º Inv. – E.6465; Proveniência – Concelho: ?; Freguesia: ?; Local: arredores de Lisboa; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel coríntio de folhas lisas, capitel de coluna; Matéria – mármore de Trigaches, com palhetas cinzentas mais escuras e outras de quartzo leitoso e outro cristalino. Micas; Dimensões (cm) – Alt. – 25; Ab. – 3; Dim.Ab. 33x33; Cor1 – 10; Cor2 – 22,5; Diam. – 23; Est. Cons. – muito bom; Bibliografia – Almeida, Mª Amélia Fresco de, ob. cit., vol. I, p. 140; Almeida, D. Fernando de, ob. cit., 1962, p. 205, fig. 131; Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 92); Observações – . Técnica – Utilização de cinzel biselado no ábaco e nos relevos das folhas. Pico na parte superior do ábaco, com bujardado grosso. Polimento oblíquo no *kalatbos*.

Capitel n.º 9

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel coríntio de folhas lisas, capitel de coluna; Matéria – mármore de Trigaches. Coloração acinzentada, de textura folheada tipo palhetas, com fragmentos cristalinos; Dimensões (cm) – Alt. – 25; Ab. – 5; Dim.Ab. 28(?)x(?); Cor1 – 13; Cor2 – 17; Diam. – 24; Est. Cons. – ábaco muito fragmentado. A peça encontra-se partida numa das faces; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 94); Observações – . Técnica – Somente perceptível a utilização de abrasivos de afeiçãoamento.

Capitel n.º 10

N.º Inv. – 6641; Proveniência – desconhecida; Local: Alentejo; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel coríntio de folhas lisas, capitel de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt. – 22; Ab. – 2/3; Dim.Ab. 40x40; Cor1 – 8; Diam. – 28; Est. Cons. – superfície muito erosionada. Ângulos do ábaco ligeiramente partidos. A peça encontra-se partida numa das faces; Bibliografia – Almeida, Mª Amélia Fresco de, ob. cit., vol. I, p. 140; Almeida, D. Fernando de, ob. cit., 1962, Lám. XV, fig. 133; Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 95); Observações – . Técnica – não perceptível.

Capitel n.º 11

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel coríntio de folhas lisas, capitel de coluna; Matéria – arenito (?); Dimensões (cm) – Alt. – 20; Ab. – 3/5; Dim.Ab. 27x27; Cor1 – 9; Diam. – 18; Est. Cons. – bom, ainda que possua dois encaixes de época posterior que partiram parte da peça; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 96); Observações – a única identificação que a peça tem no Museu Nacional de Arqueologia é a seguinte: “Vol. 2530. R.LAP/Est.97(II); 66 Arq.”. Técnica – Bujardado muito grosso na parte superior do ábaco. Alisamento das folhas, de sulcos leves e finos, em posição horizontal e oblíqua, realizado com martelo de pente.

Capitel n.º 12

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel corintizante de coluna (fragmento); Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt. cons. – 17,3; COR.1 – 12; Est. Cons. – a pequena parte que se conserva do capitel encontra-se em bom estado de conservação; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4

volumes, peça n.º 105); Observações – a única identificação que a peça tem no Museu Nacional de Arqueologia é a seguinte: “Est. 16, Prat.2”. Técnica – Utilização de escopro de pontas nos pormenores decorativos.

Capitel n.º 13

N.º Inv. – E. 6460; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel corintizante de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt.cons. – 35; COR.1 – 19; Diam. – 41; Est. Cons. – a peça encontra-se partida horizontalmente, sensivelmente a meio da sua altura, não sendo, deste modo, possível observar tudo o que corresponderia à segunda coroa de folhas e ao ábaco; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 107); Observações – o Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia apresenta para este n.º de peça a seguinte informação: “capitel para Félix explicar”. A peça apresenta o número de entrada E. 6460, sendo-lhe atribuída a designação de Vol. 3480. Técnica – Utilização de escopro de ponta e de bisel, abrasivos de afeiçãoamento e de polimento em toda a superfície.

Capitel n.º 14

N.º Inv. – E. 6459; Proveniência – Concelho: Sintra; Freguesia: S. Miguel de Odrinhas; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel corintizante de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt.cons. – 28; Diam. – 39; Est. Cons. – a peça encontra-se partida horizontalmente, sensivelmente a meio da sua altura, não sendo, deste modo, possível observar tudo o que corresponderia à segunda coroa de folhas e ao ábaco; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 108); Observações – o Livro de Entradas do Museu Nacional de Arqueologia apresenta para este n.º de peça a seguinte informação: “Aquisição de Félix Alves Pereira, capitel calcáreo de Odrinhas”. Técnica – Utilização de escopro de ponta e de bisel, abrasivos de afeiçãoamento e de polimento em toda a superfície.

Capitel n.º 15

N.º Inv. – E. 6459; Proveniência – Concelho: Sintra; Freguesia: S. Miguel de Odrinhas; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (jardim); Classificação – capitel corintizante de coluna; Matéria – calcário; Dimensões (cm) – Alt.cons. – 30; Dim.Ab – 46x43; Ab. 7; Est. Cons. – bastante mau. Duas das faces encontram-se desbastadas, acção certamente levada a cabo em época posterior. Ábaco partido. A única face frontal conservada apresenta-se em bom estado. Possivelmente, na sua forma original, a peça teria um outro bloco inferior; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 109); Observações –. Técnica – Utilização de escopro normal e de escopro de ponta nos pormenores decorativos.

Capitel n.º 16

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel corintizante de coluna; Matéria – calcário (?); Dimensões (cm) – Alt. – 34; Dim.Ab – 37x37; Ab. 6; Cor1 – 14; Diam. – 25; Est.Cons. – razoável. Partido no ábaco em praticamente todo o seu perímetro. A superfície da parte inferior da peça encontra-se totalmente erodida.; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 111); Observações – o local onde a peça se encontra, segundo etiqueta que detém, é: “EST. 68, chão”. Técnica – Uso de escopro de bico nos pormenores decorativos, bem como trépano corrido nas nervuras vegetalistas e trépano ponteados no encontro das digitações.

Capitel n.º 17

N.º Inv. – 6469 (?); Proveniência – desconhecida; Local – arredores de Lisboa; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel corintizante de coluna; Matéria – calcário lioz; Dimensões (cm) – Alt. – 36,5; Ab. 3; Cor1 – 15; Diam. – 26; Est. Cons. – muito bom, no entanto, todos os ângulos do ábaco encontram-se fracturados; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 113); Observações – a peça apresenta o número de registo de entrada E. 6469, sendo-lhe atribuída a designação de Vol. 2684 e etiqueta: R.L.A.P./Est. 18; “Capitel

coríntio dos arredores de Lisboa”. Técnica – Escopro de bisel nos pormenores decorativos. Trépano corrido pouco acentuado nas caneluras centrais das folhas angulares, depois finalizadas a bisel. Nas folhas inferiores trépano pontual.

Capitel n.º 18

N.º Inv. – desconhecido; Proveniência – desconhecida; Local. Actual – Museu Nacional de Arqueologia (reservas); Classificação – capitel compósito de coluna; Matéria – granito de grão fino; Dimensões (cm) – Alt. – 38; Dim.Ab. – 40x40 (?); COR.1 – 20; Per. – 107; Diam. – 34; Est. Cons. – muito erosionado. Ábaco partido nos quatro ângulos; Bibliografia – Fernandes, Lídia, ob. cit., 1997 (4 volumes, peça n.º 115); Observações – a única identificação que a peça tem no Museu Nacional de Arqueologia, é a seguinte: “Vol. 2417. RLAP/Est. 85 (sob. IV). Técnica – Somente visível o emprego de escopro de pontal.

Bibliografia

ALMEIDA, C. A. F. de (1986) – *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Alfa. vol. II.

ALMEIDA, D. F. de (1962) – *Arte Visigótica em Portugal. O Archeólogo Português*. Lisboa. Nova Série. IV.

BARRERA ANTON, J. L. de la (1984) – *Los capiteles Romanos de Mérida*. Badajoz. (Monografias Emeritenses; 2).

BENSEDDIK, N. (1990) – Nouvelles contributions à l'atlas archéologique de l'Algérie. In *L'Africa Romana. Atti del VII convegno di studio*. Sassari, 15-17 Dicembre, 1989. Sassari: ed. Gallizzi. T. 7, p. 737 -751.

BINGÖL, O. (1980) – *Das Ionische Normalkapitell in Hellenistischer und Römischer zeit in Kleinasien*. Germany.

BROISE, P. (1969) – Éléments d'un ordre toscan provincial en Haute Savoie. *Gallia*. Paris. T. XXVII. Fasc. 1, p. 15-22.

BUFE, H. L. (1987) – *Die Geschichte des Sikiliotische-Korintischen Kapitels. Der sogenannte italisch-republikanische Tpus*. Mainz.

CADENAT, P. (1979) – Chapiteaux tardifs du limes de Maurétanie Césarienne dans la région de Tiaret. *Antiquités Africaines*. Paris: C.N.R.S. t. 14, p. 247-260.

CARLOS MARQUEZ (1993) – *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Cordoba.

CARMEN TRAPOTE (1965) – *Los Capiteles de Clunia. Hallazgos hasta 1964*. Valladolid (Monografias Clunienses; II).

CHIDIAC, H. (1995) – *Syrie un Patrimoine inédit*. Roma: ed. de l'Amateur.

CRUZ VILLALÓN, M. (1985) – *Mérida Visigoda: la escultura arquitectónica y litúrgica*. Badajoz.

ENCICLOPÉDIA dell'Arte Antica (1973). Atlante. Lámina 358.

FARIOLI, R. O. (1969) – *Corpus della Scultura paleocristiana bizantina ed altomedioevale di Ravenna*. III.

FERNANDES, L. M. M. (1997) – *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 4 vols.

FERNANDES, L. M. M. (1998) – Elementos arquitectónicos de época romana do Museu de Loures. In *Da Vida e da Morte: os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. p. 93-106.

- GALLOTTINI, A. e LUPI, L. (1991) – *Museo Nazionale Romano: le Sculture*. Roma: de Luca Edizioni d'Arte. I, 11.
- GUTIERREZ BEHEMERID, M. A. (1982) – Sobre la Sistematización del capitel corintio en la Península Ibérica. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. T. XLVIII. Valladolid: Universidad, p. 81-90
- GUTIERREZ BEHEMERID, M. A. (1986) – *Capiteles de Barcino en los Museos de Barcelona*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. (Faventia Monografies; 5).
- GUTIERREZ BEHEMERID, M. A. (1992) – Capiteles Romanos de la Península Ibérica. *Studia Archaeologica*. Valladolid. 81.
- HARRAZI, N. (1982) – *Chapiteaux de la grande Mosquée de Kairouan*. Tunis. vol. II.
- HERRMANN, J. (1988) – The Ionic Capital in Late Antique Rome. *Archeologica*. Roma. 56.
- JAVIER GIMENO (1989) – Tipología y aplicaciones de elementos Dóricos y Toscanos en Hispania: el modelo del NE. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 62, p. 101-139.
- KAUTZSCH, R. (1936) – Kapitellstudien – Beiträge zu einer Geschichte des Spätantiken kapitells im Osten vom Vierten bis ins Siebente Jahrhundert. *Studien zur Spätantiken Kunstgeschichte*. Berlin. 9.
- LÉZINE, A. (1959) – Chapiteaux toscans trouvés en Tunisie. *Kartago*. Paris. VI, p. 12-29.
- LÉZINE, A. (1968) – *Chartage. Utique, Études d'Architecture et d'Urbanisme*. Paris: C.N.R.S.
- MARTÍN, R. (1959) – Chapiteau ionique d'Halicarnasse. *Revue des Études Anciennes*. Bordeaux LXI: 1-2, p. 65-77.
- MARTÍNEZ RODRÍGUEZ, A. (1988) – *Capiteles tardios del Sur del Conventus Carthaginiensis. Sécs. IV – VII d.C.* Múrcia: Universidade. p. 185-212. (Antigüedad y Cristianismo. Monografías Históricas sobre la Antigüedad Tardía; V).
- MATOS, J. L. de, (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: I.P.C.M., I.P.M.
- PENSABENE, P. (1986) – *Le Mercì gli Insediamenti – Società Romana e Impero Tardoantico*. Roma: Ed. Laterza. vol. II.
- PENSABENE, P. (1973) – *Scavi di Ostia – I Capitelli*. Roma. vol. VII.
- PENSABENE, P. (1986) – La Decorazione Architettonica, l'impiego del marmo e l'importazione di manufatti orientali a Roma, in Italia e in Africa (II-VI d.C). In *Società Romana e Impero Tardoantico*. vol. III, p. 285-429.
- PRALONG, A. (1993) – Remarques sur les Chapiteaux corinthiens tardifs en marbre de Proconnèse. In *L'Acanthe dans la Sculpture Monumentale de l'Antiquité à la Renaissance. Mémoires de la Section d'Archéologie et d'Histoire de l'Art, Histoire de l'Art*. Paris. VI, p. 133-146.
- RECASENS I CARRERAS, M. (1979) – Los capiteles Romanos del Museu Nacional Arqueològic de Tarragona. *Bulleti Arqueològic*. Tarragona. Època Tarragona V: 1.
- RONCZEWSKI, K. (1923) – *Variantes libres de chapiteaux romains*. Acta Universitatis Latviensis. Roma. VIII.
- TARDY, D. (1989) – *Le Decor Architectonique de Saintes Antique*. Paris: C.N.R.S. (Aquitania Supplément. 5)
- TORRES, C. (1993) – *Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja*. Beja.
- WALKER, S. (1979) – Corinthian Capitals with ringed voids: the work of Athenian Craftsmen in the second century A.D. *Archäologischer Anzeiger*. Berlin 1, p. 107-129.



Fig. 1 – Capitel n.º 1



Fig. 2 – Capitel n.º 2



Fig. 3 – Capitel n.º 2



Fig. 4 – Capitel n.º 3



Fig. 5 – Capitel n.º 3



Fig. 6 – Capitel n.º 4



Fig. 7 – Capitel n.º 5



Fig. 8 – Capitel n.º 5



Fig. 9 – Capitel n.º 6



Fig. 10 – Capitel n.º 6



Fig. 11 – Capitel n.º 7



Fig. 12 – Capitel n.º 8



Fig. 13 – Capitel n.º 8



Fig. 14 – Capitel n.º 9



Fig. 15 – Capitel n.º 10



Fig. 16 – Capitel n.º 11



Fig. 17 – Capitel n.º 12



Fig. 18 – Capitel n.º 13



Fig. 19 – Capitel n.º 14



Fig. 20 – Capitel n.º 15



Fig. 21 – Capitel n.º 16



Fig. 22 – Capitel n.º 16



Fig. 23 – Capitel n.º 16



Fig. 24 – Capitel n.º 17

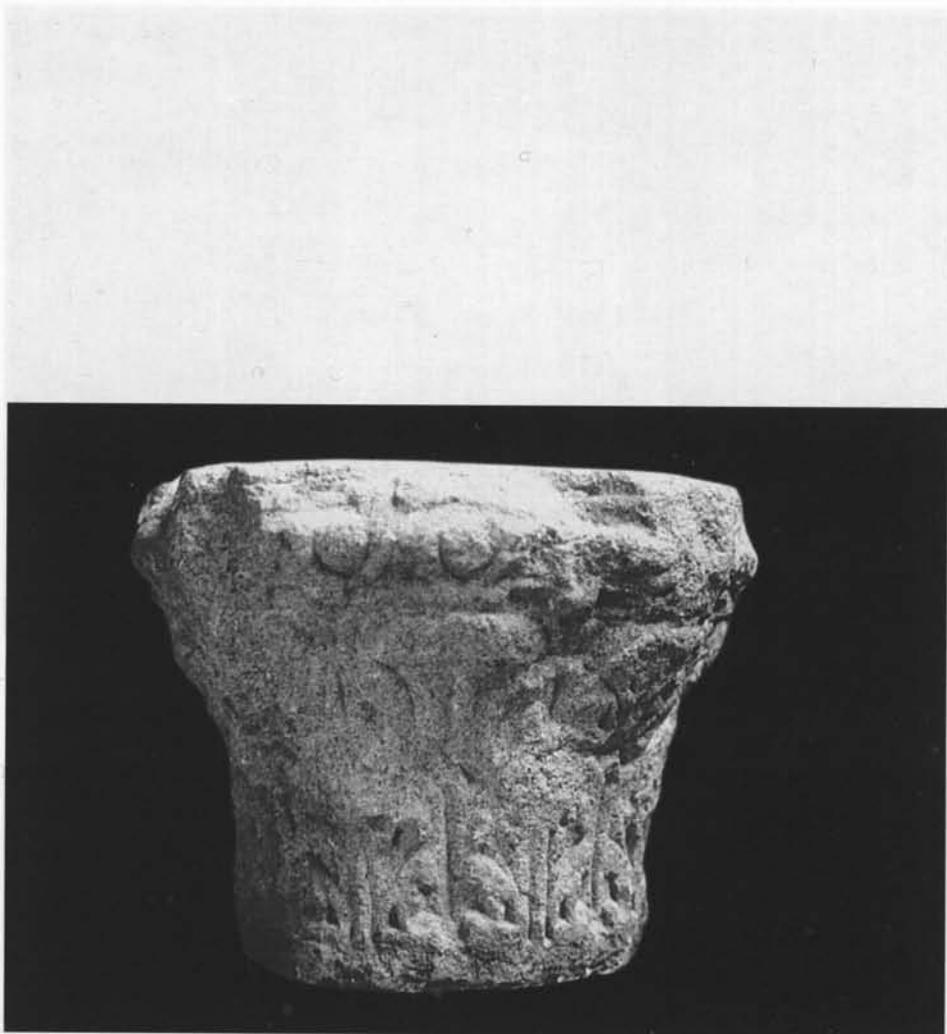


Fig. 25 – Capitel n.º 18